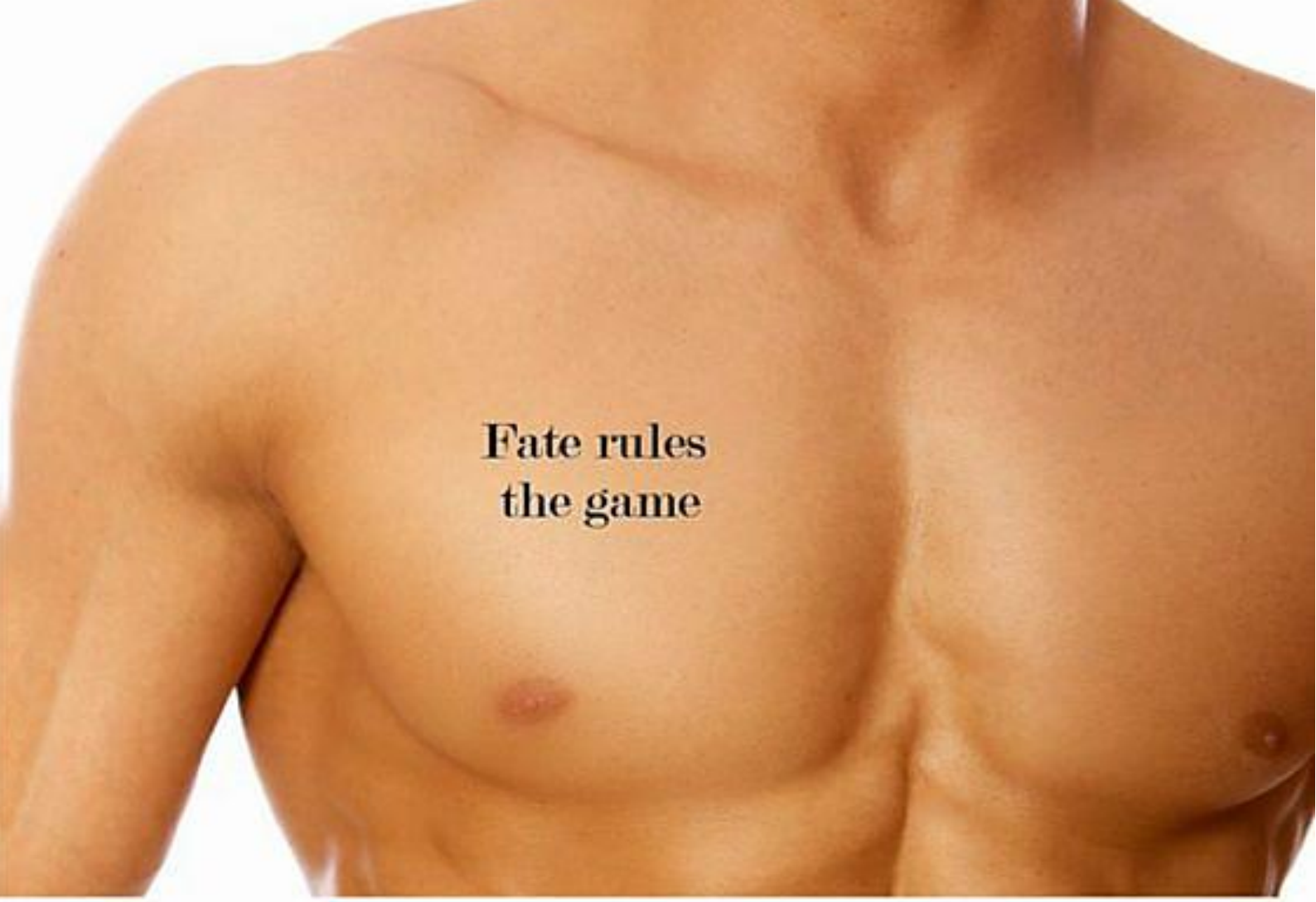
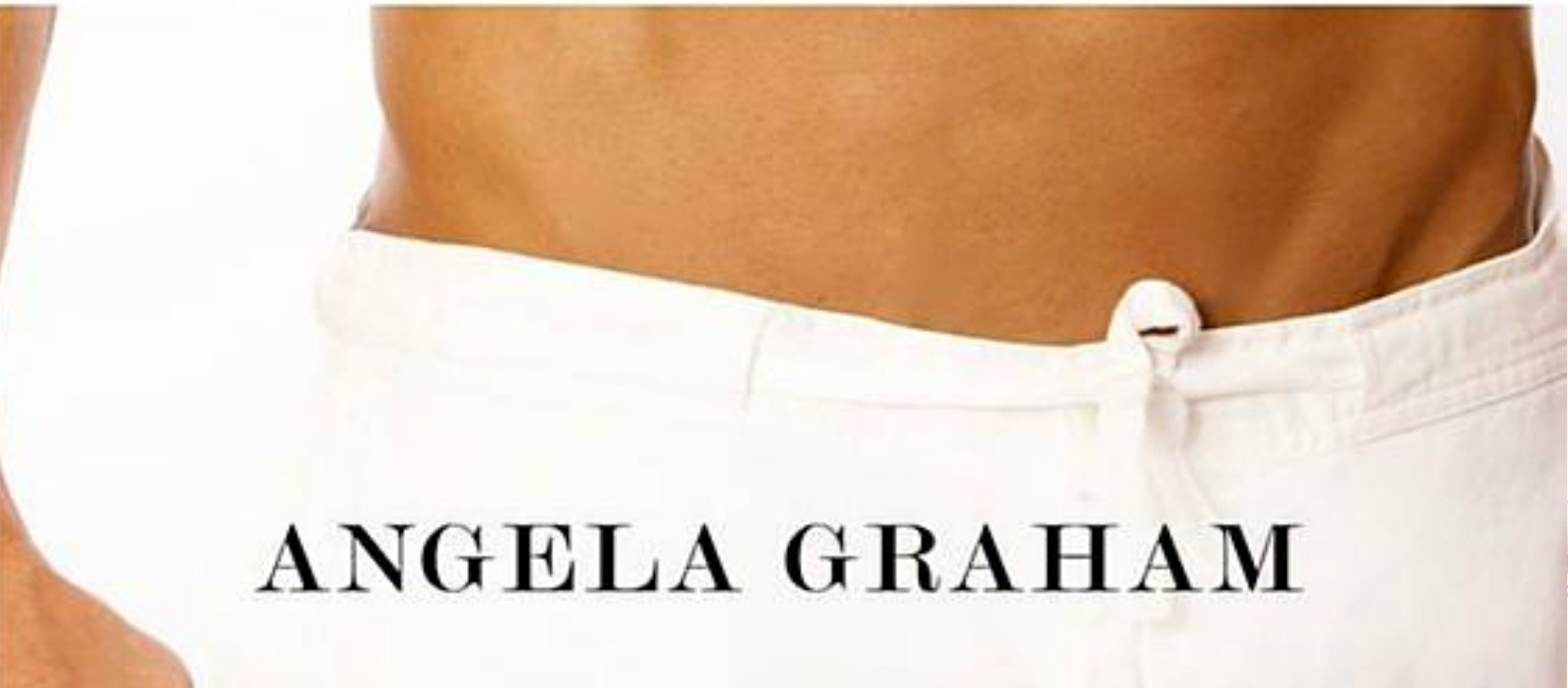


Indulge

A Prequel Novella



ANGELA GRAHAM



Distribuição: Eva

Tradução: Ana C.

Revisão Inicial: Juliana

Revisão Final: Marcelle e Andréia

Leitura Final: Vivi e Thay Ribeiro

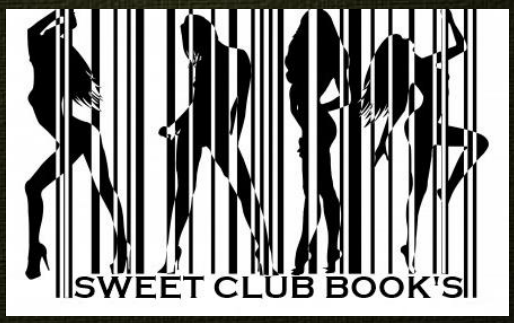
Formatação: Eva

A vida de Logan West é qualquer coisa menos perfeita.

Sexo sem sentido, iniciativas empresariais tediosas e um jogo de pôquer ocasional o mantém ocupado, mas a razão da sua vida se resume a uma coisa: a paternidade.

Oliver, seu filho de três anos de idade, é todo o seu mundo. Ao criá-lo sozinho, Logan encontra sua única alegria em passar o tempo dando a Oliver a infância que ele merece. Mas a cada fim de semana se dá a oportunidade de viver como homem, um com profundos desejos. Logan sabe do que gosta, do que quer e do que precisa. Ele não tem interesse em namorar e acredita que romance não vale a pena o esforço, mas suas escapadas por sexo causal raramente o deixam satisfeito.

É preciso uma decisão inesperada de sua irmã Julia e uma viagem para a pequena cidade de Harmony com seu melhor amigo Caleb, para Logan abrir os olhos para novas oportunidades fora de seu mundo programado. Não é o que espera, mas Logan sempre está buscando satisfação.

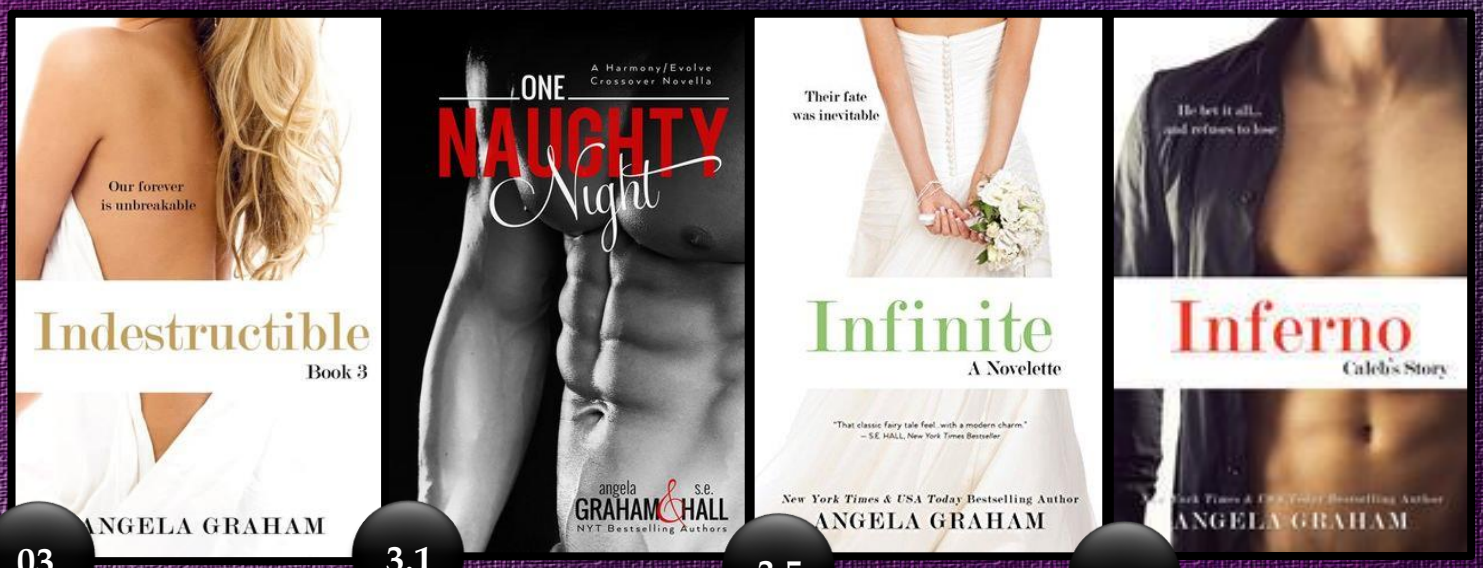


Harmony Series

Angela Graham



01 0.5 02



03 3.1 3.5 04

Prologo

Purificação

— Ela se foi.

As palavras não são destinadas a ninguém, simplesmente saem quando compreensão afunda em mim. Não há forma de esconder a angustia esmagando meu peito, mas não é por mim ou por acreditar que sinto amor por ela. Não, é pelo nosso filho, Oliver.

Ali, sobre a borda da cama, está a caixa de joias com espelho que uma vez abrigou os diamantes e as pérolas com as quais a cobri. Está aberta e vazia. Entendi o que significava no momento em que entrei no quarto depois de voltar para casa do trabalho.

Minha incredulidade dura pouco enquanto movo a caixa até o criado mudo, meus músculos já doem pela tensão e sento na cama com Oliver em meu colo. Ele é tão pequeno, nem sequer tem um ano, na verdade, faltam poucos dias até seu aniversário e a outra pessoa que deveria cuidar dele e o amar tanto quanto eu, foi embora.

Ele se retorce em meu colo, bolhas de saliva brotando de seus lábios enquanto luta contra os braços que o seguram. Agarro-me a ele, pois não estou pronto para soltá-lo. O medo de perdê-lo se instala em mim aprofundando a ferida.

Ela não o levou, mas poderia ter feito. Ao invés disso, o deixou com a babá que resisti tanto em contratar. Fecho os olhos, inalando seu perfume. Um enorme buraco preenchido com raiva e ira abre no meu peito, com o pensamento dela tê-lo deixado sozinho em casa com a babá.

— Papai! — Grita Oliver. Abro os braços relutantemente e o movo para longe, colocando-o sobre os travesseiros. Ele apoia a cabeça ali, erguendo os pés e os chutando.

Harmony Series
Angela Graham

Deito ao seu lado e me pergunto como deixei as coisas assim por tanto tempo. Se houvesse realmente enxergado, ao invés de apenas ver, teria pego Oliver e ido embora há semanas. Tolamente mantive a esperança que as coisas mudariam, convencido que as ligações que recebia tarde na noite eram de sua família, como dizia, e cada jantar foi perdido era desculpável.

Meus olhos se fecham brevemente quando aceito a verdade. Sabia que o estava acontecendo, sabia que estava perdendo-a, mas não havia nada que pudesse fazer. Eu dei tudo o que tinha sem uma queixa.

Apaixonei-me loucamente no momento que a conheci. Ela era linda, aventureira e tudo que alguma vez quis. Firme em minha crença que foi criada para ser minha outra metade, fiz tudo em meu poder para ser também a dela.

Quando descobriu que estava grávida, dei todo o meu apoio. Deixei a universidade e me arrastei até meu pouco compassivo pai, deixando meu orgulho na porta para pedir trabalho. Nunca me arrependi dessas decisões.

Isso foi a menos de dois anos, eu tinha apenas vinte e um, mas assumi minhas responsabilidades, esvazie minhas economias e dei tudo que ela pediu. No fim, não foi o suficiente. O estilo de vida que proporcionava era cada vez mais difícil de manter e me negava a trabalhar vinte quatro horas, deixando meu filho com estranhos. No momento que disse que teríamos que cortar um pouco as extravagâncias, cerca de um mês atrás, foi quando vi a primeira fenda real que não pude racionalizar.

Eu ganhava dinheiro suficiente para sustentar meu estilo de vida, mas ela se negava a escutar e a reduzir os gastos, tentando me convencer a trabalhar mais duro, assumir empreendimentos de riscos, além de trabalhar para meu pai. Tornando-se cada vez mais evidente que eu não podia mantê-la feliz e tanto quanto me doía admiti-lo, Oliver tampouco.

Então, de certa forma, foi melhor ela ter partido. Ele não precisava saber que sua mãe preferia fazer compras a ter um vínculo afetivo com o filho ou ir a manicure ao invés de embalá-lo para dormir.

Eu evitarei essa agonia. Não importa o que precise fazer, eu o protegerei.

— Sr. West, o senhor chamou?

Minha cabeça inclina-se para o lado para encontrar Gillian, a babá durante a semana, de pé na porta. Ela me lança um olhar invulgarmente suave, mas cauteloso.

— Quando ela se foi? — Pergunto, olhando para Oliver ao meu lado, enquanto ele senta e apoia as costas contra meu estômago.

— Por volta das nove da manhã, senhor.

Afasto-me, sacudindo a cabeça. Fui ao trabalho às oito e meia da manhã e antes de sair não vi quaisquer indícios de que ela faria isso. Fecho os olhos para recordar o beijo que compartilhamos depois do café da manhã. Foi apaixonado e muito terno, era seu beijo de despedida. Não me dei conta da importância do momento. Realmente fui tão cego?

— Para cima, para cima. — Exige Oliver, agarrando minhas mãos para que eu o levante no ar. Faço-o no mesmo instante, sua risada selvagem enchendo o quarto, enquanto voa por cima de mim com os braços estendidos.

— Há algo mais que eu deva saber? — Pergunto, sem afastar meu olhar do sorriso de Oliver.

— Pediu que lhe dissesse adeus.

Adeus? Isso é tudo?

— Alguma palavra para Oliver? — Pergunto rapidamente.

Há uma longa pausa antes de responder:

—Não, desculpe. — Mal registro a voz doce através da fúria retumbante que me consume, mas ainda tento me concentrar em meu filho. Preciso controlar minhas emoções para seu bem.

—Ela passou tempo com ele antes de ir?

Outra pausa enche o espaço entre nós, me irritando ainda mais. Quero respostas... eu preciso delas. Com o cenho franzido me concentro nela, ameaçando.

Ela faz uma pausa, movendo a cabeça lentamente antes de falar.

—Não.

Coloco Oliver de novo ao meu lado e sento, apoiando as costas contra a cabeceira da cama, meus dedos percorrendo o couro cabeludo. Não pensou, nem perguntou. Fico ali, sentado, deixando minhas emoções borbulharem no fogo lento.

Quando olho novamente para Oliver, seu pequeno punho está na boca e ele está mastigando-o.

—O que tem aí? —Pergunto, tirando cuidadosamente sua mão empapada de saliva da boca e abrindo os dedos para revelar um brinco de pérola.

Merda! Ele deve ter encontrado na cama.

—Posso ter isso? —Pergunto, tirando-o. Não só era um perigo de asfixia, mas é de Natasha. Ela devia estar realmente apressada.

Seu lábio inferior sobressai para fora, o queixo treme e sei o que virá. Tiro as chaves do bolso e as entrego como troca. Sua expressão sombria transforma-se, imediatamente, em animação.

—Obrigado. —Digo, beijando sua cabeça antes de olhar para Gillian.

—Preciso que este quarto esteja livre de seus pertences está noite e amanhã o resto da casa. Não quero nada que seja dela.

—Sim, senhor. Aonde gostaria que os guardasse?

Minhas sobrancelhas franzem.

—Não os guarde, simplesmente, se desfaça. Doe-os ou algo assim, não me importa. Só quero que desapareçam. E faça desaparecer qualquer foto em que ela esteja. — Ajudo Oliver a brincar de deitar e levantar na cama. —Além disso, depois de amanhã, não vou precisar mais dos seus serviços. Por favor, avise a Maria também. Sem mais

babás para meu filho. Vou me assegurar que ambas tenham excelentes referências para conseguir emprego, bem como, recebam uma pequena indenização.

Oliver engatinha até Gillian, caindo uma vez antes de virar e parar rapidamente, pegando a sua mão.

—Para cima. —Diz, inclinando a cabeça para trás para olhar a mulher que havia sido uma mãe para ele mais do que a sua própria.

—Aprecio muito que tenha cuidado dele. Ele te adora, mas a partir de agora só seremos eu e ele.

Apesar de uma tentativa sólida de compostura, sua expressão vacila.

—Entendo senhor. Eu me encarregarei de tudo. Obrigada.

Eu me aproximo da porta e levanto Oliver em meus braços, levando-o pelo corredor.

— Que tal pintarmos? —Sugiro, sorrindo ante o entusiasmo que vejo em seus olhos. —E então acho que precisamos de uma viagem. Você pode dizer “viagem”?

Oliver apenas sorri animadamente, sem nenhum interesse em aprender palavras novas. Isso é algo que ele e eu vamos trabalhar juntos. Não preciso de mais ninguém, tampouco ele.

❋ ❋ ❋

Sem ninguém para quem dar satisfação, Oliver e eu escapulimos em nossas primeiras férias de pai e filho. Nós escapamos para a casa do lago onde cresci. É o único lugar em que realmente sinto uma sensação de paz. Passamos os dias, navegando, pintando e lendo, enquanto construíamos o início do vocabulário de Oliver. Sem celular, internet ou TV a cabo, só meu filho, a natureza e eu.

Quando voltamos para casa, sabia o que nos esperava. Estive temendo a última semana durante todo nosso voo de volta. Não havia escapatória, mas enfrentá-la menos de duas horas depois da nossa

volta? Estou impressionado, mas ainda mais que isso, estou irritado. Minha irmã é uma pequena coisa persistente.

Oliver salpicava água felizmente na banheira, o pequeno assento que o segura é uma benção. Parece alheio aos golpes que irradiavam da porta principal e fazem eco nas paredes.

— Aqui vamos nós. —Meu lábio se curva para cima, enquanto devolvo a esponja que ele jogou do outro lado da banheira.

Sabia que desligar meu telefone traria mais problemas com Julia que com meus sócios de negócios, mas a mera visão do telefone me deixava desejando uma bebida, um forte, e isso não é opção.

—Sei que está em casa, Logan! —Seu grito feroz cai em meus ouvidos, ainda que estivesse bastante cético de que ela aceitaria o silencio.

Quando as batidas na porta mudam para o barulho da campainha, pela primeira vez em semanas, um rastro de sorriso que não está dirigido a Oliver atinge meus lábios. Talvez... *provavelmente*, o primeiro em muito tempo, mesmo antes de Natasha ir.

Passo as mãos molhadas pelo cabelo, me lembrando de não voltar nessas lembranças. O passado é passado. Não estou interessado em passar mais tempo analisando quando ou onde as coisas começaram a dar errado. Superei isso na casa do lago.

Oliver solta bolhas enquanto jogo água morna suavemente sobre suas costas, me enchendo de espuma. Meu menino é bonito e inteligente e de jeito nenhum vou decepcioná-lo com minha própria bagagem.

—Você não pode me evitar para sempre, Logan!

Infelizmente, sabia que ela estava certa. Fico de pé ao lado da banheira e pego uma toalha da prateleira

—Abra a porta! Não vou embora! Está me ouvindo?

Eu me divirto, por um breve momento, com o pensamento de apaziguá-la, antes de decidir pelo contrário. Ela iria embora, eventualmente, se a ignorasse. Além do mais, ela tem aula hoje e minha

mãe colocaria toda a cidade para procurá-la se não voltasse até a noite. Uma menina de quinze anos de idade não deve ficar sozinha, inclusive comigo. Mas conheço Julia e ela nunca faria nossa mãe se preocupar intencionalmente.

Inclino-me sobre a banheira, colocando a toalha ao meu lado.

—Desculpa pequenino, mas é hora de jantar e, em seguida, dormir. Está pronto?

A julgar pelo olhar que ele está me dando, sei que não está feliz.

—Não! – Balanço a cabeça, rindo entre os dentes.

Pouco depois, escuto o que soa como um chute na porta, seguido por um grito ensurdecedor.

—Bem, parece que vou ficar aqui a noite toda! —Continua Julia. —Quem sabe, talvez tenha sorte e algum louco estuprador passe por aqui!

Ela sempre teve um dom para o drama. Só posso imaginar o que os vizinhos estão pensando se a ouviram.

Nem sequer são dezoito horas e já estou desejando poder pular o jantar e dormir um pouco, mas Oliver precisa comer e Julia está me irritando tanto que talvez isso culmine numa briga, o que pode ser o plano dela.

—Muito bem, para cima. —Digo, levantando Oliver. Ele grita, agitando os braços e as pernas em sinal de protesto dentro da toalha.

—Isso é tudo, vou chamar a polícia!

Oliver eleva seus gritos uma oitava e se joga para trás em meus braços, desesperado por um banho mais longo. Saio do banheiro, meu batimento cardíaco acelerando. A polícia? Ela tem que estar brincando, mas duvido por um segundo.

—Baixo papai! Awa!

Eu o ajusto mais alto em meu ombro, apertando a toalha ao redor.

—Está tudo bem. Sua tia está louca, isso é tudo. — Trato de acalmá-lo, mas ele está me ignorando, exatamente como faço com Julia.

—OLÁ, SIM, PRECISO QUE ENVIE UM OFICIAL A ... — Julia grita através da porta, e me desvio do caminho até o quarto de Oliver diretamente para a entrada, abrindo a porta.

—O que quer? — Exijo, olhando-a de pé ali com seu telefone no ouvido, até que um estridente soluço de Oliver chama sua atenção.

Acabando com o fingimento, ela coloca o telefone no bolso, entrando rapidamente, apesar de eu estar bloqueando o caminho e me dou conta que Katherine, a esposa do meu irmão Lawrence, está atrás dela. Afasto-me para um lado, permitindo que ela entre sem problemas, a grande barriga saliente evidenciando a gravidez avançada. A última coisa que Katherine precisa é andar por aí com minha irmã irracional. Ela coloca a mão no meu cotovelo enquanto entra, me oferecendo um sorriso simpático, os olhos suaves.

Dou-lhe um aceno sutil, mas agradecido. Gosto de Katherine e sempre disse ao meu irmão que ele é sortudo por tê-la.

—Oh, não, eu o acordei? —Pergunta Julia.

—Se o acordou? —Viro a cabeça para ela lentamente, aturdido por sua incapacidade de ver o cabelo molhado e a enorme toalha que o cobre. Ela está falando sério? —Acredita que ele estava dormindo? Só está irritado porque seu banho terminou antes do tempo, devido sua teimosa e insistente tia.

—Ah, desculpa, interrompi a hora do banho? — Ela arrulha para Oliver, se equilibrando nas pontas dos pés para fazer contato visual. Sua inquietude não vacila quando as lágrimas se derramam, mas sua raiva começa a dissipar. —Seu papai me disse que persistência é uma virtude.

Meu cenho se aprofunda. Eu viro, balançando a cabeça e caminho pelo corredor até o quarto de Oliver, consciente de que sou seguido. Eu o ponho no trocador para colocar as fraldas, tendo o cuidado de não vira-lo até que a fralda esteja posicionada corretamente. Meu pequeno tem boa pontaria e não vou ser um alvo de novo.

—Posso vesti-lo? — Pergunta Julia, procurando peças de roupas em seu armário. Tudo ali foi escolhido por sua mãe, tudo branco, o que não é nada prático, e sem uma peça adequada para usar ao ar livre. Ele não vestirá nada disso de novo.

—Ele não vai usar essa merda. Ele é um menino, não uma boneca. —Com a fralda firme no lugar, pego um pouco de loção na mão e massageio suas pernas, conseguindo risadinhas quando esfrego os pés. Ele mudou desde que nasceu e é uma das coisas que dominei desde o princípio.

—O que podemos fazer? —Pergunta Katherine, e me entrega um pagãozinho para dormir com botões azul marinho que tirou do trocador.

—Obrigado. —Disse, evitando seu significado mais profundo. É uma pergunta que sei que muitos farão e é a razão pela qual viajei com Oliver depois do ocorrido. Não tenho nenhum interesse em compaixão.

Quando começo a vesti-lo, Katherine fica de pé ao meu lado, cobrindo os olhos e logo o surpreendendo com cadê: seu jogo favorito.

—Ele adora isso. —Sorrio suavemente, olhando-a continuar.

—Oh, você é amável com ela! — Julia queixa-se de algum lugar atrás de mim. —Para que sabia, ela queria que te deixasse sozinho!

—Outra razão para eu ser amável. —Dou um sorriso rápido para Katherine e logo disse claramente para que ambas entendam: —Não estou sozinho. Tenho meu filho. —O último botão está fechado e o levanto de novo em meus braços, virando para enfrentar o temperamento explosivo de minha irmã. —Bom, acabe de uma vez. — Digo disposto a escutar um discurso que provavelmente foi ensaiado e testado em múltiplas ocasiões.

—Desculpa. — Ela diz depois de uma longa pausa, me surpreendendo com as palavras. — Não porque te obriguei a abrir a porta e não porque Natasha se foi, mas sim desculpa por estarem afetados por ela. Desculpa que Oliver tenha uma mãe tão de merda e sinto especialmente por eu ter batido nela quando ignorou minhas ligações para planejar seu aniversário.

—Não vá por ali, Julia. — Advirto. Abaixo Oliver que vai direto para Katherine. Ela o pega pela mão e o leva do quarto.

Julia coloca as mãos nos quadris, seus olhos estreitos.

—Vou até lá para que se lembre como era é na realidade. Não é doce e amorosa, Logan. Talvez uma vez contigo, eu nunca a vi, mas você se apaixonou por ela, assim que algo teve que ser bom. Só vi uma cadela que empurrava seus botões e passava mais tempo com seus amigos do que com o próprio filho.

—Cuidado com a sua boca!

—Não! Aonde você foi? Pegou Oliver e desapareceu. Nós perdemos seu aniversário e estávamos preocupados. Cinco semanas, Logan! Sério? Então me diga aonde foi.

—Eu precisava de tempo. Você não entenderia, e francamente, não é da sua conta. Eu liguei para mamãe antes de ir, ela sabia exatamente onde estava.

—O quê? —Suas sobrancelhas se franzem com confusão. —Isso explica por que não quis chamar a polícia.

Fico a observando. Não tenho mais nada a dizer, minha mãe foi a primeira e única pessoa com que falei naquela noite depois de ter despedido a babá e ter me dado conta que tinha que ser mais que pai por um par de semanas. Pelo momento, não estava pronto para voltar ao trabalho.

Julia suspira e seus ombros caem. Ela se aproxima e pousa uma mão em meu braço.

— Prometa que não vai embora de novo. Fiquei preocupada... assustada. Oliver e você merecem algo melhor que Natasha, mas agora que está de volta, quais são seus planos?

— Fomos muito bem.

— Isso não ajuda.

O que sabe? Tem quinze anos, pelo amor de Cristo. Aperto a ponta do nariz, despreparado para planejar os próximos passos nesse mesmo momento. Não quero mais babás em casa, mas estou perdido

sobre o que fazer sem uma. Foi o que me manteve acordado quase todas as noites no lago.

Eu o puxo num abraço apertando.

—Eu resolverei. Não vou contratar uma babá.

—Bem, não precisa de uma. Precisa da família.

—Tem razão. — Diz Katherine.

Viro para vê-la de pé na porta, buscando cubos de blocos.

—Desculpa interromper. Só ia pegar alguns jogos, mas quero que saiba que adoraria ajudar em tudo o que puder. —Ela esfrega a mão livre sobre a barriga. —Não penso em voltar a trabalhar depois do nascimento de Charlie. Estaria mais do que feliz de cuidar de Oliver para você durante o dia.

Meu queixo cai. Estou surpreso pela oferta. Perdi muito tempo no escritório, mas a ideia de deixar Oliver inclusive com Katherine, em quem confio tanto como em Julia, é difícil.

—Que outra opção tem? —Pergunta Julia. —Berçário?

—Preciso de tempo para pensar.

—O que há para pensar? Deixe-a te ajudar. Mamãe também disse que cuidaria de Oliver alguns fins de semanas.

—Eu não trabalho nos fins de semana. —Corto minha irritação aumentando.

Volto-me para Katherine enquanto fala.

—Podemos começar com um período de teste. Se ele não ficar bem comigo, então pode levá-lo para outra pessoa.

É claro que estava cômodo, é simplesmente que... não há como deixá-lo ir. Mas antes que possa pensar demais, eu concordo.

—Está bem, se realmente não se importa. —É a melhor opção que tenho. —Significaria muito que ele estivesse com você. Conversou com Lawrence?

Ela concorda.

—Ele dói quem sugeriu e pensei ser uma grande ideia.

—Insisto que me deixe te pagar.

—Isso não é necessário...

—Eu pagarei. Vai ter um novo bebê logo e com Oliver nove horas, você merece. Não aceitarei um não como resposta, mas tem que me prometer uma coisa: se esse acordo se converter em uma carga para você, você vai me dizer. Eu entenderei.

Sorrindo, visivelmente aliviada.

—Eu farei, prometo.

Sinto alivio também.

—Bom. Agora bem, se não se importam, Oliver e eu estávamos a ponto de jantar. — Dou a Julia um vitorioso sorriso — ... sozinhos.

Capitulo 1

Dois anos e meio depois.

Alarmado

Acordei com um sobressalto, abrindo um olho e logo o outro. O sol da manhã está mais alto do que eu esperava. É domingo o que significava...

Merda!

Com o cenho franzido, afasto os cobertores e giro.

A morena roncando ao meu lado parece tão esgotada como eu me sinto. Esfrego a mão sobre o rosto, tentado acordar. Sou capaz de distingui-la melhor, notando a boca aberta, cabelo preso e ao redor da esbelta figura, as extremidades estendidas. Minha memória ainda está voltando, mas o pouco que lembro é uma noite como todas as demais: medíocre.

Olhando para onde meu criado mudo deveria estar e xingo incapaz de resistir a um pequeno sorriso. A mesa está caída, meu despertador debaixo dela.

Talvez a noite foi um pouco mais que medíocre, depois de tudo.

Enquanto meu olhar vaga pelo quarto, meu sorriso se curva maliciosamente. A mulher tem resistência, lembro e a luxúria enlouquecida em seus olhos quando disse que a levaria para casa. Estava disposta a qualquer coisa e me assegurei de recolher todos os benefícios.

Minha mente começa a funcionar e meu pau incha interessado na última rodada antes de mostrar-lhe a porta. Mas os pensamentos

somem no instante que me estico até o despertador e olho o horário, dez e oito da manhã.

—Merda! — Murmuro, me levantando e pulando fora da cama.

Oliver estará em casa dentro da hora seguinte ou duas. Passo as mãos pelo cabelo, sacudindo a cabeça e coloco uma calça branca sobre minha cadeira favorita no canto. Comprei de propósito para o quarto e teve mais ação do que a cama.

Coloco a calça e me movo de novo para cama.

—Está na hora de você ir. — Digo, de pé sobre a mulher e empurro seu ombro ligeiramente. Claro que ela tinha que ter sono pesado. Mexo, logo afasto seu cabelo para ter uma melhor visão do seu rosto. É suficientemente bonita, mas nada extraordinário.

Como ela é não importa. O único que me importa é me assegurar que Oliver não chegue em casa para encontrar uma estranha me rodeando, especialmente com um cabelo de recém fodida e maquiagem escura manchando o rosto.

Nunca deixaria que aconteça. Sempre que trago uma mulher para casa, já tenho um plano estratégico no lugar: cada fim de semana, Oliver fica com minha mãe e posso ter uma festa toda noite com uma mulher ou duas. Perco-me às vezes... sem preocupações e sem pressões.

É o dever do meu alarme de confiança estar ali na primeira hora da manhã do domingo para me acordar antes da saída do sol. Limpo a casa de mulheres e bebidas e sempre estou de cabeça erguida na porta para dar as boas-vindas ao meu filho. Obviamente, esse plano funcionou até hoje.

—Vamos querida, acorde. — Ainda nada. Isso deixa só outra maneira de acordá-la que, por desgraça, não é agradável para nenhum dos dois. — Levante! — Rosno minha voz forte sacude seu sistema, colocando em estado funcional completo, destroçando qualquer oportunidade de paz que minha manhã possa ter.

—Mmm, ainda não. — Ronrona, me rodeando e mostrando uma vista completa dos seus atrativos. Empina a bunda e abre os olhos, esperando um beijo.

Não o meu. Retrocedo, em direção a pia do banheiro.

—Tenho um encontro esta manhã. — Explico. É mentira, mas no geral funciona. Pego uma calça manchada para depois de tomar banho. —Talvez nos encontremos de novo algum dia. — Normalmente não lembro um nome já que raras vezes recordo, mas estou quase certo de que está vez sei e decido arriscar—... Casey.

—Uf, é Macey! — Ela faz um beicinho, revirando os olhos.

Pelo menos cheguei perto. Não importa, já terminei com as sutilezas nesse ponto. Viro de novo para olhá-la.

—Certo. Bom, Macey, preciso de você fora da minha cama e da minha casa quando terminar meu banho.

—Oh Deus! — Ela grita, lutando até sentar e olhando ao redor do quarto por alguma pista que possa ter perdido. Pouco a pouco, a cor desaparece de seu rosto. —Você é casado! Não, não outra vez. —Sua cabeça balança violentamente, com as mãos segurando os lençóis contra o corpo.

Fico ali, plenamente consciente de que sou um idiota por não aliviar sua preocupação imediatamente, mas sei o que está por vir.

Seu olhar impenetrável para em mim, sua expressão sombria se transformando numa careta irritada.

—Que vergonha! São todos iguais.

Previsível, como sempre.

—Relaxe, boneca. —Meus lábios se torcem num sorriso. — Sou muito solteiro.

—Oh! — Murmura, um rubor cor de rosa volta para suas magras bochechas. Sua língua sai, rodeando os lábios superiores. Seus olhos se cravam nos meus enquanto solta os lençóis. — Neste caso.

Minha ereção cresce enquanto observa sua sedutora atuação. Ela passa os dedos por cima dos seios enquanto suas pernas se abrem, me convidando.

Por desgraça, sei melhor. Não há tempo.

—Pode ir.

Ela não aceita um não como resposta, descendo da cama e se pavoneando até mim com confiança. O espetáculo do dia depois é um que vi muitas vezes e geralmente se desenvolvia de duas formas, mas o fato que nunca muda é que sempre tenho uma carta na manga. Por muito que mulheres odeiem, nunca tenho problema em jogá-las fora quando terminado.

—Há dinheiro sobre o criado mudo para um táxi.

Ela lança um gemido irritado quando viro e entro no banheiro, fechando a porta atrás de mim.

❋ ❋ ❋

A força da água atingindo meus ombros alivia a rigidez definitiva dos músculos. O clube em que terminei na noite anterior com Caleb é um novo com abertura excessiva e frequentado pelos mesmos caras, menos pela mulher que agora está vasculhando meu quarto pelas roupas. Foi uma distração agradável da monotonia da noite, mas como todas as demais, minha curiosidade sobre ela está saciada.

O ranger da porta do banheiro soa ao meu redor quando corro o sabonete no couro cabelo. Depois de enxaguar rápido a cabeça, abro os olhos, observando-a entrar e fechar a porta do box.

Ela me dá um sorriso doce e nada inocente, a julgar pelo brilho travesso em seus olhos.

—Posso ajudar? — Oferece.

Ela pega o sabonete da saboneteira e ensaboa as mãos. Espera com um sorriso de satisfação cada vez maior, satisfeito de que igual as outras antes, ela está ansiosa para assegurar que eu fique saciado.

Seus olhos sustentam os meus enquanto esfrega minha sólida ereção nas mãos ensaboadas e começa a acariciar.

Sua língua sai, traçando ao longo de seus lábios enquanto enxagua o sabonete embaixo do jato. Um lento sorriso aparece em seus lábios e sei exatamente no que está pensando, o que quer.

— Mostre o que essa linda boca pode fazer. — Digo.

Ela se inclina sobre os joelhos e segura meu duro pênis na mão. Sua língua enrola ao redor da cabeça um par de vezes, disparando meus sentidos à vida, antes de deslizar para baixo e girar ao redor da base. Outra volta para cima faz com que meu quadril empurre para frente, instigando a ir para dentro.

Ela afasta o olhar de meu pênis e me olha através dos longos cílios antes de abrir a boca e engolir meu pau, chegando a garganta. Ela inala fortemente antes de abrir a boca e engolir de novo.

Sua mão se apodera da minha coxa, cravando na pele enquanto move outra mão à base do pau, me acariciando. Enrosco meus dedos em seu cabelo empurrando o quadril para frente e tomando o controle.

Ela vai à loucura, bombeando a mão e me levando mais profundo na boca. Sua cabeça balança freneticamente. A mulher sabe o que está fazendo, malditamente perto de ser uma profissional.

A respiração sai por meus lábios.

—Foda-se. — Digo entre quando os dentes raspam suavemente e logo desliza a língua de novo sobre a carne sensível.

Fecho os olhos com força, me concentrando nas vibrações de seus lábios sobre meu pênis duro a ponto de se liberar. Sua boca se move mais rápido, mais forte. Seguro um punhado do cabelo fortemente nas mãos, mantendo seus lábios no lugar, sugando a base do meu pau enquanto o eixo bombeia na parte posterior da garganta.

Um áspero gemido gratificando sai de minha garganta, limpando qualquer tensão persistente com os cálidos lábios ordenhando minha liberação matutina.

❋ ❋ ❋

—Então, eu te verei de novo? — Pergunta Macey numa voz é vacilante. Ela está inclinada, tentando abotoar o pequeno vestido preto da noite anterior. Dou um passo por trás dela, meus dedos agarrando o zíper e fazendo o trabalho rápido com um só movimento de pulso.

— Acho que não. — Coloco a calça, abotoo, então pego minha camiseta: uma branca, pronta para ser demolida pelas selvagens habilidades de pintura de Oliver.

A casa está estranhamente tranquila de repente. Seus movimentos param e tensão pesa ao redor.

Respiro rápido e imediatamente libero com um suspiro, odiando que ela seja uma dessas mulheres que me faz sentir culpado. Deveria ter visto isso vindo.

Quando por casualidade dou uma olhada para ela, seus ombros estão caídos, as mãos esfregando juntas. Com a testa franzida, sei que está buscando as próximas palavras.

—Ontem à noite foi divertido... vamos deixar assim. — Digo casualmente, tomando suas mãos e dando um beijo na parte superior da orelha esquerda e logo na direita. — Não há nada mais entre nós. Nunca haverá. Isso não é sobre o que foi a noite ou esta manhã.

Ela me olha com frieza.

—Claro. — Ela engole a saliva e um lampejo de decepção cruza seu rosto.

Merda, ela tinha esperança. Como não notei quando a escolhi? Poderia ter jurado que sabia o que estava propondo: prazer e satisfação mútua por uma noite.

Estou fora do meu jogo ultimamente ao ver o piscar de esperança em algumas mulheres. Fiz um ponto em evitar essas anteriormente. Posso ver que fui um idiota insensível com algumas, mas pelo menos não é tão cruel como seguir a corrente.

Uma pequena covinha de sorriso se destaca em seus lábios e relaxo. Ela não parece do tipo perseguidora ou insegura. Não posso lidar com outra mulher irracional, mas Macey parece muito refinada para tal comportamento.

Pego uma nota de cem dólares do criado mudo.

—Para o táxi.

Ela levanta a mão, balançando a cabeça.

—Não, tudo bem, obrigada. Eu me arranjo. — Ela pega a bolsa junto aos sapatos e sai do quarto.

Aliviado que finalmente ela se foi, começo a caminhar pelo corredor, me perguntando o que Oliver decidirá pintar quando chegar em casa. Sempre me surpreendo com o que inventa e sei que sua maneira em torno da tela é boa para somente quatro anos de idade. Meu maior prazer é sentar e ver como suas criações vem à vida.

—Quem diabos é você? —O grunhido familiar da voz de Julia retumba do o vestíbulo, detendo meus passos.

Prendendo a respiração, suplico ao universo que Oliver não esteja com ela. Minha mãe sempre o traz para casa assim pode passar mais tempo conosco, mas uma possibilidade de que Julia o traga muda tudo.

Oliver nunca testemunhou uma mulher saindo às escondidas de minha cama, porque nunca permiti que acontecesse. Ele tem que ser crescer procurando uma mulher que o amará e apoiará. É uma das razões pelas quais me considero afortunado por ele ficar com Katherine enquanto trabalho: ele vê uma esposa amada e quando está com Lawrence, Oliver tem o privilégio de ver a forma em que acredita que eu era. Não quero aceitar minha solteirice como norma. Desejo que cresça e não só adore as mulheres, mas encontre a única para amar.

Pessoalmente parei na parte da adoração, tendo uma breve prática na aproximação antes de lançar mulheres de novo à natureza para alguém interessado em domá-las. Sou apenas selvagem e nada interessado em ser contido.

Quando dobro o canto da entrada, encontro a porta principal aberta. Folhas de outono sopram do quintal e minha irmã está frente a frente com Macey como espero.

Julia é direita como uma bala. Não aceita merda de ninguém e é tão teimosa e chorona como pode. Ela vai se formar logo no ensino médio e está ficando uma mulher interessante. Espero com interesse o dia que conhecerá seu par: alguém que acalme esse temperamento e troca de humores. Precisará um verdadeiramente homem ou tonto total, mas a tratando bem, eu compraria uma bebida... regularmente. Ele precisará.

Dando um olhar ao redor da sala, passo por Julia e olho para fora. Sem Oliver. Suspiro de alivio, passando a mão pela mandíbula. Obrigado, Cristo. Julia teria derramado sangue.

Fecho a porta por privacidade no caso de minha irmã fazer uma cena e volta caminhando até ela.

—Por que está aqui tão cedo, Julia? — Pergunto, ignorando o enfrentamento em que estou no meio.

—Quem é a vagabunda? — Diz entre os dentes, disparando um olhar crítico para mim.

—Ei! — Resmunga Macey. — Não sou uma vagabunda! E quem é?

Isso não vai terminar bem.

—Vá. — Digo para Macey.

Sua expressão não tem nada mais que asco. Assumindo provavelmente que minha declaração sobre ser solteiro é mentira, passa por Julia e abre a porta. Justo quando está a ponto de fechá-la com os olhos estreitos ela diz:

—Você é um porco!

Sim, essa é a única cena que fará e aceito. Não é a primeira vez que ouvi comentários parecidos e é uma das versões mais amigáveis. Deixo-a acreditar no que quer, não afetado quando a porta fecha com uma batida.

Consideraria a manhã um êxito se não estivesse de pé ao lado de um explosivo pronto para detonar.

—Anda, fala. — Digo, indo em direção ao final do corredor. — Oliver estará aqui logo.

—Agora você está brincando? — Julia grita, pisando forte ao meu lado.

—O quê? — Pergunto, com um sorriso brincando nos lábios.

—O quê? Vai se foder, Logan, não sou uma menina. Sei exatamente por que deixou essa puta ir. — Ela fez um som de engasgo, seguindo de um extenso: — Que nojo!

Não perco o ritmo na medida em que entramos em meu estúdio para preparar as coisas de Oliver.

— Desde quando traz putas a sua casa, hein? Pensei que era um cara mais de hotel/motel. E suas roupas! — Seu rosto enruga. — Oh, meu Deus, podia ser mais obscena? Seus peitos estão caídos e a bunda é apenas...

— Não seja grosseira. — Paro e faço um gesto de desaprovação.

— Oh, se recupere! Tem um gosto horrível para mulheres: sempre a menos vestida, ao que parece.

Não estou disposto a falar de minha vida sexual com minha irmã mais nova, então tenho que terminar.

— Faz com que seja conveniente.

A expressão de seu rosto me diz que consegui.

— Nojo! Não é de estranhar que Jax te admire tanto. Não posso ter dois irmãos sem lei.

— Está insinuando que um dos nossos ainda tem potencial? — Pergunto, com a testa franzida e um sorriso satisfeito. — Porque vi algumas das alunas que Jax fode quando fica para dormir. Questionaria suas leis primeiro.

Frustrada, ela pisa e aperta as mãos em punho. Sim, uma bomba de tempo. Não pode ter humor nela.

— Uf, esse não é ponto! O que acontecerá se Oliver tivesse comigo? Não precisa ver uma vagabunda em sua casa. — Sua cabeça está inclinada para o lado enquanto observa quando minha diversão desaparece. —Não acho que quer isso, tampouco, a menos que tenha algum plano para que ele cresça e siga seus repugnantes passo e os de Jax.

Minha mandíbula tenciona, os dentes posteriores cerram enquanto ira se forma profundamente em mim. Meu filho será melhor do que eu e melhor que Jax, que erroneamente pensa que tem a vida planejada.

Dou um passo para frente, para ser claro enquanto rosno:

— Ele não fará! Não tenho ninguém em torno de Oliver, então deixe de ser fodidamente dramática!

Com isso, vou até a grande mesa na sala cheia de materiais. Passo as mãos pelo rosto, aumentando a pressão para aliviar minha irritação. Escolho os pinceis favoritos de Oliver e logo as tintas.

—Olha, eu... sei que é um pai incrível, Logan, mas ultimamente parece... não sei... diferente.

—Diferente como? — Desabafo. Passo toda a manhã com Oliver, fazendo café da manhã e o arrumando para ir à casa de Katherine e desde o momento em que o busco depois do trabalho, tem minha completa atenção até que o coloco na cama e leio uma de suas histórias favoritas.

Há uma longa pausa antes de contestar:

—Seus olhos. É aí onde vejo a mudança.

Abaixo a cabeça, as costas viradas para ela e deixo que minhas pálpebras fechem. Que segredos revelam? Alguém mais os vê ou é simplesmente coisa de irmãos?

—Eu te vejo triste, e sei que não vai admitir, mas posso entender que se sinta sozinho.

Afasto-me, dando a volta para olhá-la.

—Estava longe de sozinho à noite, meu filho chegará a qualquer momento para melhorar a manhã de merda que está criando. Então não, não me sinto sozinho.

—Está bem, o que seja... — Responde exasperada. — Estou sendo honesta, isso é tudo.

Minha expressão acalma e ofereço o mais mínimo sorriso para apaziguá-la.

— Peço desculpas pela ação dessa manhã, mas se tivesse enviado uma mensagem que planejava passar aqui, poderia ter evitado.

Pronto. Isso é bastante fácil. Olhando de novo para as tintas, debato que cores disponibilizar para Oliver. Em geral ele prefere tons mais frios.

—Agora, me diga o que precisa?

O silêncio fica entre nós por muito tempo. Se não terminou seu pequeno ajuste, não há nada mais que possa dizer para conformá-la. Mas quando olho por cima do ombro, vejo seus pequenos pés inquietos e postura rígida. Há algo mais.

Volto-me lentamente, as mãos cheias de tubos e pinceis, e capturo o nervosismo nublando sua expressão. Apoio-me contra a mesa, me preparando para o pior. Com Julia, pode ser qualquer coisa, desde um gasto excessivo no cartão de crédito que eu lhe dei a revelar que está grávida. Nunca há maneira de prever, sempre deixa cair uma bomba.

—Bem, pode soltar. — Recomendo.

Vejo quando ela inala profundamente pelo nariz, exala pelos lábios entreabertos e endireita os ombros.

— Escute antes de dizer algo, certo? — Sua voz é estranhamente suave, ela a guarda para sair de problemas.

Acomodo-me no lugar, sem fazer promessas.

— Não vou à universidade aqui.

Não me movo.

—Ah, sim? — Respondo com calma.

Engolindo saliva, ela concorda. Essa não é a pior notícia. Esteve atuando dramaticamente como sempre com sua rotina de gatinho aterrorizado.

— Muito bem. — Afasto-me da mesa e me aproximo do cavalete de Oliver. — Está tubo bem quanto a isso. Há um monte de outras universidades adequadas. — Ando de novo, começando a ir até o armário que guarda as camisetas de pintar de Oliver. — Tem que começar a receber solicitações, no entanto. A graduação estará aqui antes que se dê conta e não quer perder nenhuma oportunidade ao esperar até o último minuto.

De repente, me sentindo sozinho na conversa, olho para ver seu olhar fixo nos pés.

—O que? — Pergunto, com forte irritação no tom.

Levantando o olhar ela prende a respiração e diz:

—Vou para a universidade de Harmony.

Antes que possa processar completamente o que ela disse, a risada me envolve. Isso tem que ser uma brincadeira. Claro, o franzir da sua testa expressa o contrário. Limpo a garganta, cortando minha diversão e explodindo.

—Fala sério? — Pergunto.

—Sim. — Ela diz com a cabeça erguida.

Incapaz de olhá-la enquanto minha ira cresce, começo a caminhar pela sala. Não preciso de outra briga com ela. Tenho que jogar bem e tão delicadamente quanto possível para convencê-la a ver a razão. Minha mão esfregou a mandíbula tensa.

— Harmony onde mamãe e papai cresceram?

Ela assente.

—Já fui aceita. Estou totalmente credenciada e tem todas as aulas que preciso, também parece uma pequena cidade encantadora. Posso passar o tempo na mesma biblioteca aonde mamãe e papai

quando eram jovens, talvez jantar nos mesmos restaurantes aonde tiveram seus encontros. Não sei... só me sinto bem, sem falar que é um lugar seguro para uma jovem mulher impressionável. — Sua voz suaviza para combinar com a suplica nos olhos.

—Não tente atuar comigo. Não sou Lawrence.

—Eu sei, só... —Ela começa, mas não estou interessado no que tem a dizer.

— Sou seu irmão suficientemente amável não só para pagar a fatura de sua educação superior, mas também para te oferecer os meios para aproveitar os próximos anos, para que não tenha que trabalhar. — Meu sangue começa a ferver com cada palavra.

—E te amo por isso, mas não significa que controle aonde vou, Logan!

—Nunca pensei que precisava desse controle... pensei que tinha mais sentido que ir a alguma faculdade fora do mapa só porque idealizou uma inexistente relação com a cidade. E, por certo, duvido muito que nossos pais passaram muito tempo na biblioteca. Pense nisso... realmente pense um pouco. Poderia ir a tantas universidades!

—Eu pensei. Não preciso de nenhuma universidade cara para me fazer sentir que tenho uma educação adequada. Estou...

—Oh poupe-me. — Interrompo. Há mais que isso. Ela esteve planejando ir para a universidade perto de casa desde antes do ensino médio. Harmony não tem nada a oferecer... essa é a razão pela qual mudamos dali quando eu era ainda menino. — Diga a verdadeira razão.

—Estou fazendo! — Ela levanta a mão, marcando uma lista com os dedos. — As salas são menores, o que significa que terei mais atenção dos professores. Estou cansada da cidade, morei aqui toda a minha vida e um pouco de ambiente rural soa como o céu.

—Mentira! É um menino, não? — Questiono, soltando um grunhido frustrado.

—Não. Como pode pensar isso? Quero ser jornalista, administrar um jornal da moda antiga porém estiloso. Nenhum homem vai me distrair disso.

Olho-a com ceticismo. Parece tão sincera, mas minha irmã pode mentir melhor que qualquer um que conheço. De verdade ela quer isso? Inclusive com a diferença de idade de sete anos entre nós, somos mais próximos do que Jax e ela, seu irmão gêmeo, principalmente porque ela me seguiu a todas as partes desde que começou a andar. E agora está aqui com vontade de se mudar para o meio do nada?

A campainha toca na porta principal. Oliver está em casa.

— A resposta é não. Não tem que ficar na cidade, mas vai para uma universidade de renome ou não pagarei. — Essa é minha última palavra sobre o tema e a deixo esperando que tome a decisão correta. Saio da sala, convencido que ela verá do meu jeito. Só quero o melhor para ela.

Capitulo 2

Inútil

À medida que a semana passa, tenho que admitir que me encontro esperando que a determinação de minha irmã ceda. Em troca, parece que julguei mal sua obstinação. Não há nem uma mensagem de texto em relação ao tema universidade. Claro que me encarreguei de enviar um e-mail com múltiplas páginas na web das melhores universidades do país. Se ela não quer ficar na cidade, então com certeza irá a escola de primeira categoria.

Pagarei o que for para que socialize através das portas. Se não fosse pelo encontro com Julia na casa de Katherine no dia anterior, poderia ter começado a me preocupar com sua falta de comunicação. Minha irmã não faz tratamento de silêncio, prefere birras e brigas.

Balança na cadeira, olhando fixamente a bucólica cidade embaixo da minha janela do escritório e lembro como a coluna vertebral de Julia tencionou e seu olhar foi na direção oposta quando entrei na sala de estar de Katherine para levar Oliver para casa na noite anterior. Ela fez o jogo maduro de: “Se não te olho, não está aqui. ”

Aceitei pelo que era: engraçado.

Ela veria minha postura, com o tempo, tenho certeza. Minha irmã é uma menina inteligente e saber o que pode perder.

Olho por cima do ponto morto da tarde, mentalmente redirecionando minha habitual viagem para evitá-lo. Os helicópteros de notícias sobrevoavam a distância como moscas sobre a última tragédia.

Quanto mais tempo olho o caos, mas me deprecia estar sentado ali. Todos os dias é um panorama similar. Sempre fui melhor fora do escritório, pondo em prática novos projetos.

Meu celular vibra no bolso do paletó. Levo meu tempo para recuperá-lo, certo de que não está relacionado ao trabalho. Ninguém tem meu número de celular, exceto aqueles com os que gosto de falar num nível pessoal, o que deixa poucos números em meus contatos.

É meu pai, o que não é muito surpreendente, quanto mais velho fico, mais próximos ficamos. Apesar do divórcio dos meus pais pouco depois de que nasceram Julia e Jax, meu pai apoiou minha mãe e nós como uma unidade familiar. Decidi que ligaria de novo no final de semana e coloco o telefone no bolso.

Pergunto-me que conselho ele deu a Julia ou se sabe de seu plano com Harmony. Provavelmente é a razão da ligação e sei exatamente o que me dirá: que a deixe tomar as próprias decisões. Ele é um homem duro nos negócios e firme em suas crenças sobre nossa educação, mas sempre esteve ali quando necessário.

Não obstante, desde que éramos crianças, deixou muito claro que não financiaria nossa educação depois do segundo grau. Nossas opções eram ganharmos bolsa de estudo ou pagar por conta própria. Eu já expliquei a decisão desacertada de Julia a Lawrence e ele está de acordo em não oferecer assistência. Isso deixa nossa teimosa irmãzinha com nenhuma outra opção a não ser aceitar a derrota.

—Sr. West. —Uma voz zumbe do intercomunicador em meu escritório. É minha secretária, Maria, interrompendo minhas reflexões.

—Sim. —Respondo, voltando meus pensamentos para o presente. Viro na cadeira, para olhar aos números que trabalhava no computador.

—Seu encontro das quatro ligou par dizer que chegará atrasado.

Meus dedos param no teclado. Quem seria? Olho por cima do horário colocado em minha esquerda e o nome que está anotado, apesar do protesto de Lawrence.

Maldição, Jax. Ele pareceu bastante interessado quando disse que anotaria em lápis para uma entrevista. Estou certo de que posso convencê-lo de crescer. Ele não escuta ninguém mais e precisa se dar conta que com o final do segundo grau, um trabalho de verdade, aonde tenha a oportunidade de crescer dentro de uma empresa é o seguinte passo, já que a universidade está fora de seu radar.

Seguro o botão do intercomunicador.

—Remarque. — Volto minha atenção de novo à tela do computador.

—Sim, senhor.

Quase que instantemente, a voz de Maria está de volta.

—Mm, perdão senhor, mas é ... o Sr. Jackson West me pediu para que diga que estará aqui em cinco minutos e que um novo encontro não funcionará em seu horário. — Sua voz tímida está nervosa.

Um pequeno sorriso puxa meus lábios. Seu horário? Luto contra uma risada. Tão contente como está tenacidade combina com a da gêmea, chegar tarde a sua primeira entrevista de trabalho é inaceitável. É para seu melhor interesse que interpretei mal.

Fui muito bom com eles nos últimos anos, vendo-os agir e não fazendo nada para detê-los. Sou o único na família que tem realmente diversão e não quero que termine. Claro, sua hora de melhorar o próprio futuro passou quando não fez nenhum movimento para isso. Tenho que dar uma prova de realidade, ele gostando ou não.

—Remarque Maria. Se tem problemas com ele, passe a ligação para mim.

—Agora mesmo, senhor.

Sento na cadeira com o cotovelo apoiado no braço e seguro meu queixo, à espera da ligação. O tempo passa e.... nada. Não há forma de que Jax simplesmente se deu por vencido, eu o ensinei melhor que isso e não me surpreende quando a porta do meu escritório abre minutos mais tarde.

Harmony Series
Angela Graham

Jax entra vestido impecavelmente no que eu estou certo que é um dos meus ternos sob medida. Também fica bem nele. Meu irmão passa a maior parte do tempo seja na academia ou adulando ratas de bibliotecas que pode manipular para manter suas notas. Pensa que tem tudo feito, mas esse é o segundo grau. Será um duro despertar quando nosso pai cortar seus suprimentos na graduação.

Endireito a postura, enquadrando os ombros e coloca uma expressão severa, pronto para ouvir sua desculpa.

—Jackson — Começo apoiando ambos os cotovelos sobre a mesa do escritório e entrelaçando os dedos— Você chegou tarde e estou ocupado. Maria vai remarcar nossa entrevista para a próxima semana.

Ele caminha para frente com confiança.

—Vamos. Estou aqui agora, e só cheguei... — Ele pega o telefone e dá uma olhada. — Seis minutos atrasado. — Ele coloca de novo no bolso e se deixa cair na cadeira em frente à mesa. —Isso é muito bom, se me perguntar. Além disso, liguei para avisar. Quão profissional é? — Ele se gaba com um sorriso satisfeito.

—Por que atrasou? — Pergunto, ainda que tenha a sensação de que sei a resposta.

—A aula terminou tarde.

Minhas sobrancelhas se juntam ante a flagrante mentira.

—A aula atrasou? Certo que não pode inventar algo melhor.

—Está bem, tem razão. Veja, tinha uma menina doce fora da escola, chorando com os grandes olhos, tentando convencer seu pobre gatinho a descer da árvore. —Ele faz uma patética expressão de coração partido. — Você deveria ter visto: uma pequena coisa sarnenta com pelo preto e olhos pequenos e brilhantes. Tive que subir na árvore, e ...

—Basta! — Grunho. — Estava fodendo ou se masturbando, então não venha ao meu escritório e dê uma desculpa de merda. Entende?

—Sim, senhor. — Ele responde, falhando em ocultar a diversão. — Bom, estou aqui e com vontade de conseguir um cargo. Estive pensando que ficaria bem num dos clubes do papai.

—Não acontecerá.

—Vamos, seria perfeito para mim.

—Tem dezoito anos de idade, não te colocarei num clube. Além de que, não tenho o controle das empresas de papai. Se quiser trabalhar para ele, vá a seu escritório. Aqui somos Lawrence e eu.

Ele deixa escapar um longo suspiro.

—Lawrence sequer sabe que estou no edifício?

—Não, mas com o tempo superará. — Digo sabendo que Lawrence tem reuniões fora do escritório todo o dia. É a razão pelo qual escolhi este dia para que Jax viesse.

Jax responde pouco convencido.

—Passaram mais de dois meses.

—E Katherine ainda está irritada. Enquanto está irritada, tem que se manter afastado.

Ele puxa sua gravata, visivelmente frustrado.

—Eu não entendo. Você fode tudo o que passa por sua porta. Eu me enrolo com uma mulher e consigo uma tormenta de merda.

—Em primeiro lugar, não sou um moleque de dezoito anos. Se quer que Lawrence te respeite, então cresça de uma vez e deixa de pensar com o pau. E em segundo lugar, sou o suficientemente inteligente para não foder a melhor amiga de sua esposa. Só tem que permanecer fodidamente longe de algumas mulheres.

Ele revira os olhos.

—Certo você é um santo.

—Você tinha que saber que não terminaria bem. Além que, desde quando gosta de mulheres mais velhas?

Ele dá de ombros.

—Eu não gosto. É ela que sempre estava se insinuando. Merda foi ela quem me arrastou ali, para começar. Como ia saber que Charlie apareceria procurando usar o lugar para se esconder?

Contenho uma risada. Ele teve sorte que não foi Oliver quem viu. Se pensou que Lawrence foi intimidante quando chutou sua bunda, teria se borrado comigo.

—Poderia ter fechado a porta com chave. — Digo, com minha voz endurecendo quando lembro dos soluços do meu sobrinho.

—Eu tentei! Não tinha fechadura! —Ele levanta as mãos.

—Acho que é porque a maioria das pessoas não precisa de privacidade dentro de uma dispensa da cozinha.

Suspiro. Não há razão alguma para discutir o passado. Ainda é um tema a não se tocar com Lawrence. Katherine havia arrumado a casa para a festa de aniversário de Lawrence e estava em meio aos convidados quando Charlie saiu correndo da cozinha, gritando que Jax estava machucando Lisa. O rosto de Katherine torceu de uma maneira que nunca vi antes quando correu para descobrir que era mais prazer do que dor que Charlie interrompeu.

Levou mais de uma hora para acalmar Charlie, e nesse tempo, Oliver se negou a sair. Quando finalmente fomos embora, passei todo o caminho de casa esclarecendo para Oliver que tudo estava bem e que o tio Jax não queria e nem estava machucando ninguém. O que era certo, só estava excitado, mas não havia maneira de explicar isso para um menino de três anos e meio de idade.

—Desculpei-me com Katherine uma e outra vez. Envie flores como mamãe sugeriu, inclusive fiz o florista enviar uma caixa de bombons e uma pequena cesta de sabonetes de merda. Sem mencionar que não me aproximei de Lisa, então, quanto tempo tenho que esperar, hein?

—Eu não sei e realmente não me importa. Agora mesmo, estamos aqui para falar do que planeja fazer depois da formatura.

Ele cruza a perna por cima do joelho, encontrando uma posição cômoda.

—Já sabe essa resposta. Só preciso de um trabalho para fazer algum dinheiro. Algo fácil.

Seguro seu olhar, considerando as palavras. Sei qual é seu sonho e não tem nada a ver com um edifício de escritórios ou terno. E por mais que queria entregar um cheque para que ele faça o que quer sei que não é a maneira correta.

—Não. Se trabalhar para mim, não será fácil. Começará de baixo e ganhará seu lugar.

—Você soa como papai. —Ele diz entre os dentes.

Não faço caso de sua declaração e a punhalada que acompanha.

—Meu arquiteto Joe precisa de um assistente. Acho que será um bom começo para você. —Empurro minha cadeira para trás o suficiente para abrir a primeira gaveta e pegar seu cartão de visita.

—Joe? O cara grande?

Assinto, estendendo o braço em cima da mesa para entregar o cartão.

—Sim, está esperando sua ligação. Ele é um tolo, mas faz bem seu trabalho e precisa de alguém para manter sua merda junta.

—Um assistente... tipo buscar seu café e agendar o horário? — Seu cenho franze e o nariz enruga.

—Ele tem uma secretária para agendar seu horário. Você só tem que buscar o café e fazer qualquer outra coisa que precise para que possa se concentrar no trabalho.

—De nenhuma fodida maneira. — Ele ri como se eu estivesse brincando. Quando ele se dá conta que não estou, seu sorriso some. —Foda-se! —Ele arranca o cartão da minha mão, o rasga em dois e logo fica de pé.

Inspiro através do nariz, mantendo os olhos em Jax.

—Perdão? — Falo através da mandíbula cerrada.

—Você me ouviu! Não sou um cachorro.

—Estou ciente. Você é um West, o que significa que precisa deixar de ser um moleque e provar para esta família que tem o necessário para administrar esse negócio algum dia ... não importa que tipo de negócio seja.

—Quero trabalhar para você, mas se vai começar e me dar algum Zé ninguém, então buscarei uma oportunidade com papai. E como disse, Lawrence descobrirá em algum momento, e quando o fizer, sei que vai me encontrar um trabalho pior como putinha de alguém. —Ele vira e sai a tropeções pela porta.

—Jackson! — Grito. Ele para, mas não se incomoda em olhar para trás. —Espero esse terno limpo, seco e em meu armário na segunda-feira de manhã.

Ele não diz nada, sua irritação é evidente nos punhos cerrados quando sai da sala, fechando a porta atrás dele. Eu me inclino na cadeira me perguntando quando virei meu pai. Meu objetivo é dar a Jax uma visão da realidade. Precisa saber que não pode simplesmente entrar e esperar que as pessoas o respeitem por seu nome. Tem que trabalhar por isso, como Lawrence e eu fizemos. Esse trabalho é à razão pela qual fomos capazes de sair da sombra do nosso pai nos negócios. Temos trabalhado duro para fazer as conexões corretas e ganhar respeito das pessoas certas. Devido a isso, fomos capazes de unir forças e abrir nossa própria empresa e supervisionamos várias em diferentes áreas.

Igual a Julia, Jax só precisa de tempo para se dar conta que sem trabalho, não tem nada. Só quero ajudar e assegurar que estejam no caminho do sucesso. Não o bastante, não é só por eles. Quero que Oliver esteja rodeado de uma forte família trabalhadora, modelos aos quais vale a pena seguir.

Dou uma olhada no meu calendário para confirmar que Jax é a última reunião do dia. Já que ainda é cedo, sei que tenho tempo o suficiente para fazer uma parada antes de pegar Oliver.

Capitulo 3

Irmãos

— Bourbon puro. — Peço tirando o casaco e sentando num banco no bar do Morgan. A uma quadra do escritório o lugar é meu refúgio habitual. Quando levanto o olhar depois de colocar o paletó de lado, encontro Caleb ali de pé, atendendo no bar.

—Próximo. — Ele responde, jogando um pano por cima do ombro.

Pelo canto do olho, faço uma varredura periférica por todo o balcão e paro na ruiva me encarando, bebendo seu coquetel quase acabado e dando um sorriso em minha direção. É uma cara nova e bonita.

— Desde quando escapa do escritório antes de cinco da tarde? — Pergunta Caleb, servindo a bebida e empurrando para mim.

— Desde que programei meu irmão como última reunião. — Levanto o copo e tomo um gole, saboreando a carga que dou ao meu sistema enquanto não perco as manobras da ruiva em seu banco, cruzando as pernas em minha direção.

—Acho que estamos falando de Jax. — Ele ri. —Irmãos mais novos podem ser uma dor na bunda, mas o seu, é outra coisa: louco, teimoso, mas fodidamente com talento. Seja mais tolerante. Ele é só um menino.

—O talento não o levará longe. Se ele quer abrir o próprio negócio algum dia, precisa aprender a administra-lo.

—E quando o fizer?

—Então terá meu apoio. — Respondo com facilidade.

Harmony Series
Angela Graham

Caleb assente e logo se move para outro cliente que bate o copo vazio contra o balcão assinalando que quer outra dose.

Uso o breve tempo para olhar de maneira sutil qualquer outra perspectiva ao redor. Quando volto, dirijo o olhar para a ruiva, sem balançar a cabeça um centímetro. É a primeira seleção. Ela pega meu interesse sem mais explicações.

—Então, como vai tudo mais? — Pergunta Caleb casualmente quando vira de costas para mim, misturando uma dose com frutas.

—Nada extraordinário para contar.

Ele coloca um pequeno guarda-chuva, mulheres parecem gostar disso nas bebidas e leva até ela. Deliberadamente, inclino minha cabeça, vendo como ela levanta o copo para me cumprimentar antes de tomar um gole. Dou o menor indicio de sorriso. É tudo o que preciso.

—Então, como está o resto da família? Alguma outra merda de irmãos?

Caleb está de frente para mim outra vez, mais relaxado. Meu olhar dispara por ele. Desde quando me pergunta sobre alguém que não seja Oliver?

Quando a realidade cai em seu lugar, abaixo a cabeça, rindo entre os dentes.

—Ela foi te ver?

—Sim, fiquei surpreso ao vê-la na minha porta.

Minha risada some e arregalo os olhos. Julia foi ao apartamento de Caleb. Minha mandíbula cerra. Estou surpreso de minha irmã ir vê-lo já que raras vezes se cruzaram desde que estraguei seu primeiro e último encontro alguns anos.

Depois de uma barulhenta cena pública e um soco, fui um pouco tolerante com ele, já que no momento ele não sabia que a menina que seduzia era menor de idade. Ele foi suficientemente inteligente para se desculpar e rapidamente ficamos amigos.

—Pare me olhar assim. — Sua expressão é insultante. —Sabe que nunca a tocaria. Não tenho nenhum interesse em cuidar de sua irmã mais nova.

Eu tomo um gole.

—O que ela queria com você?

—Oh, deveria ter visto. —Seus olhos se iluminam. —Houve todo um discurso, através do qual tive que me sentar. — Ele parece orgulhoso de si mesmo. — Inclusive teve efeitos visuais.

Minhas sobrancelhas franzem.

—Efeitos visuais?

Ele se inclina no balcão, rindo.

—Juntou o que chamou de uma: “placa de humor” de Harmony.

Não posso conter a própria risada enquanto solto a gravata.

—E seu veredicto?

—Prometi que ao menos falaria com você.

Dou-lhe uma leve inclinação de cabeça, apreciando que a acalmou.

—Bom, homem, já tomei a decisão. Ela precisa de uma cidade para a ajude a crescer... a construir as conexões adequadas.

Ele geme.

—Sempre é sobre conexões e negócios com você. Graças a Deus que o pequeno tem a Jax e a mim para mostrar como é viver a vida.

Dou-lhe um olhar furioso e termino minha bebida. Poderia ter tomado outra, mas tenho um limite quando estou no caminho para pegar Oliver.

— Olha, sei que não é assunto meu, mas é uma boa universidade e uma boa cidade.

— Então porque não ficou? — Desafio. Nunca perguntei antes e honestamente estou preocupado.

— Tive minhas razões, mas não é com Harmony em si. Tenho um monte de boas recordações de lá.

—Estou certo.

—Vamos. Disse que viveu ali quando era mais jovem.

— E não voltei desde então. — Declaro.

—Nunca? — Ele fica aturdido, como se eu houvesse confessado um crime atroz.

—Por que o faria? Meus avós faleceram e meu pai conseguiu um trabalho aqui.

—Espere. — Ele balança a cabeça confuso —Então nunca esteve lá? Quer dizer que possa se lembrar?

—Não.

Por que é tão difícil acreditar? Eu viajei bastante, mas não a uma cidade aonde não tem nada interessante.

—Bom, merda, parece que temos uma viagem este fim de semana.

Sento de novo, cerrando os olhos.

—Não. Ela não irá ali e eu tampouco.

—Vamos, me certificarei que valha a pena. Sei que está tão cansado da mesma maldita cena como eu. As mulheres decentes que ainda temos para foder nesta cidade estão cada vez menores e distantes. Preciso de novas candidatas.

Quando ele coloca assim... Doces mulheres de cidade pequena sonhando com meu tipo de fim de semana. Sorrio convencido.

—Está bem, mas não este fim de semana. Vou levar Oliver à nova exposição de dinossauros. No próximo.

Seu sorriso é triunfante.

—Como está o pequeno príncipe?

Caleb é a única pessoa fora da minha família com quem falo sobre Oliver ou permito que esteja ao seu redor.

—Ele está frustrado ultimamente. — Respondo com honestidade.

Ele ri, tirando o pano do ombro e limpando o balcão.

—Igual a seu velho, hein?

Sorrio ante o golpe.

—Seu primo Charlie já está aprendendo a tocar piano.

—Maldição, esse menino é muito pequeno. Quantos anos têm? Dois?

— E meio e já desafia Oliver. Katherine ensina os dois, mas para Oliver não é fácil.

—Katherine, mmmm. — Ele fecha os olhos, exagerando seu amor platônico. — Nunca entenderei como seu irmão rígido terminou com aquele belo exemplar de mulher.

—Cuidado. — Advirto. Caleb tem uma coisa sobre se afastar de mim quando se trata dela. Ele me dá um sorriso de cumplicidade.

Um cara a poucos bancos o chama. Olho de novo a ruiva ainda sentada, ainda esperando. Ela usa um vestido preto curto que lhe cai bem.

Viro meu banco e aprecio a vista de sua calcinha quando ela volta a se acomodar, abrindo as pernas por um breve momento antes de cruza-las em outra direção. Caleb se aproxima de novo, movendo o copo vazio, substituindo com um cheio de soda.

—Oliver não tem nada com que se preocupar. O pequenino pode pintar. Isso é tudo o que precisa, como posso dar fé para atrair as damas.

Levanto o copo para saudá-lo, sentindo apenas um indicio de Jack enquanto tomo um gole. Ele me conhece muito bem.

—Parece que não é tão bom quanto antes. — Contesto, pensando em voz alta. Revelar a uma mulher que é um artista é inclusive mais

eficaz que dizer que administra a própria empresa, ainda parece que a maioria das mulheres se mostra receptiva sem nenhuma conversa.

Olho o relógio. Vinte para as cinco, bastante tempo. Agarro meu casaco e paro.

—Onde está? — Pergunto, deslizando-o sobre meu braço.

Caleb sabe exatamente o que estou perguntando. Ele se inclina para frente e fala em voz baixa:

—Quatro assentos.

Com um movimento cuidadoso de cabeça vejo seu objetivo: uma beleza de cabelo escuro num vestido cinza barato. Pela posição sentada, ela é toda seios e bunda. Exatamente seu tipo.

—Não está mal. Então presumo que o figurão do Parker está no buraco novamente? — Falo, me referindo ao proprietário do bar que sempre deve algo a Caleb. Ele dá a Caleb um novo jogo de fato: usa seus contatos para se encontrar com mulheres. Por que tem uma coisa em fingir ser um garçom em apuros, não sei.

Ele sorri, dando de ombros com inocência fingida.

—Deveria estar agradecido. É ajuda gratuita para o bar. Não há melhor maneira de pagar a dívida.

É certo, Parker tem sorte que Caleb elimina sua dívida por trabalhar neste lugar e ter as clientes femininas. Nem todo mundo tem essa sorte. Caleb tem uma conta bancária cheia, mas sabe que ainda está buscando o que realmente quer fazer para ganhar a vida. Devido a isso, joga jogos, tanto respeitáveis quanto questionáveis.

—Diga oi ao pequeno. — Ele diz virando para olhar sua presa.

—Boa sorte — Respondo, embora ele não precise. Já utilizou o truque do garçom antes em mulheres desprevenidas que vieram tomar um drinque, usando sua fala de "*pobre de mim*! ". Ele nunca leva nada sério, porque está cansado como eu. Não estou certo de qual sua história, o que na realidade é a cola que nos une. Ele nunca pergunta sobre Natasha, eu nunca pergunto como ganha dinheiro fora da mesa de pôquer. Funciona bem.

Tomo um gole mais de meu copo e vou diretamente à ruiva descarada.

Sua expressão confirma que não é necessária conversa. Ele corre o olhar por meu peito, se detendo abaixo do cinto e logo levanta os olhos, a língua umedecendo os lábios. Está ansiosa por saltar ao evento principal, o que funciona com perfeição com meu limite de tempo.

Estendo a mão e vejo um amplo sorriso tomar suas feições. Ela coloca a mão na minha, fica de pé e me segue até a parte de trás, sem fazer perguntas. Algumas mulheres tornam muito difícil.

Quando abro a porta da pequena sala de descanso, a encontro vazia como de costume. Ela entra, olhando ao seu redor enquanto fecho a porta de trás de nós.

A suavidade de seus seios quase sai do vestido curto que termina debaixo de sua bunda. Ela busca algo vestida assim e estou mais que feliz em satisfazê-la.

Ela se aproxima, as mãos deslizando sobre minha gravata.

—Obrigada pela bebida. Estava... deliciosa. — Sua suave voz é tão falsa quanto seus seios, mas sigo a corrente. Puxo a fechadura e logo giro o dedo, a mandando dar uma volta.

Ela o faz de imediato com uma risadinha emocionada. Dou um passo para trás, coloco as mãos em seus quadris e caminho para frente até que sua testa encontra a parede. Ela está próxima de inebriada quando agarro o zíper na base de sua bunda e deslizo pelas costas num movimento rápido e vejo o fino material cair a seus pés. Sem sutiã, só uma calcinha de cetim preta.

Inclino-me contra a sua orelha e murmuro:

—Coloque as mãos na parede.

Sua pele arrepia sobre os ombros e costas. Coloco meu casaco na mesa atrás de nós e tiro uma camisinha do bolso. Sem perder tempo com jogos prévios, o qual é obvio que ela não precisa, desabotoo o cinto e deslizo o zíper para baixo.

—Tenho que estar em outro lugar, então isto será rápido. — Digo, deslizando a camisinha sobre minha crescente ereção. Meus olhos se centraram na ligeira agitação de sua bunda enquanto ela estremece de antecipação. É tudo que preciso para endurecer por completo.

Ela me olha por cima do ombro com a cabeça balançando de aprovação, luxúria nubla seus olhos escuros.

— Eu quero forte. — Ela exige. Ali está a voz real, forte e clara. Sabe o que gosta e farei isto agradável para os dois.

Meu lábio se curva.

—Bom.

Fico de pé atrás dela e puxo a calcinha para o lado. Ela está pronta, bem molhada.

Agarrando seu ombro, aperto as pernas, ampliando sua postura. Deslizo a mão por sua testa seguindo a suavidade dos seios, apertando o esquerdo na palma da mão direita, o polegar acariciando o mamilo endurecido.

—Você está pronta? — Minha voz é um sussurro rouco, estimulando sua excitação.

Antes que possa responder, agarro sua cintura fina com a outra mão e empurro seus quadris para frente, entrando com uma dura estocada.

Gemo pela gratificação temporal e suficiente nesse momento. Ela está molhada e mais larga do que maioria, mas o contato ainda é suficientemente bom para aproveitar. Afundo mais forte e movo a mão de seu quadril para a tatuagem na parte baixa das costas e aperto, abrindo sua bunda para me permitir mais profundidade.

Com seu corpo apoiado entre a parede e eu, deixo cair a cabeça para trás, me concentrando no sentimento, calor e sensação de sua pele sob meu controle.

—Sim... mais forte... — Ela geme.

Deslizo a mão que cobre seus seios até a bunda, meus dedos são fortes no cabelo curto. Estico o braço por trás de mim, nos

aproximando, suas costas brilhando de suor quase se chocando com meu peito. Puxo meu torso para trás, com os pés enraizados no lugar para evitar que se mova enquanto ainda estou enterrando dentro dela. Não preciso de nenhum contato mais próximo e quero evitar que seu cheiro fique em meu terno.

Ela se dá por vencida sem batalha, deixando cair os braços para aceitar felizmente o que permito. Com cada investida, empurro mais forte que a anterior, a som estridente de nossos corpos faz eco ao redor até que finalmente sinto o clímax se aproximar.

Deslizo a mão para a frente de sua calcinha, trabalhando em seu clitóris. Seus joelhos dobram e o rosto encosta na parede enquanto grita.

Minha respiração é áspera, com o coração acelerado pelo esforço enquanto ela chega ao clímax na minha mão, soltando insultos incoerentes de prazer. Cerro os dentes, inalando bruscamente e entro duas vezes mais antes de retroceder e gozar. Inclusive com camisinha, nunca gozo dentro de uma mulher.

Perco o ar dos pulmões pelo orgasmo. A ruiva vira o rosto com a boca aberta e a pele de marfim rosada.

—Isso foi... — Ela ofega e pisca freneticamente — ... excitante.

Meu lábio se curva para cima. Não estou certo que chamaria de excitante tanto quanto de prático, exatamente como prefiro o sexo.

Tiro a camisinha e jogo no cesto de lixo do nosso lado. Visto-me de novo, abotoando a calça enquanto ela se contorce, tentando colocar o vestido. Uma olhada no relógio confirma que ainda estou com tempo.

—Cuide-se, linda. — Digo, colocando fim a nossa curta relação em termos amistosos.

Cruzo a sala e destranco a porta, mas ela se aproxima, os olhos pedindo uma última coisa que relutantemente concedo. Minhas mãos seguram seus ombros a alguns centímetros e me inclino para frente, dando um beijo curto e seco em seus lábios úmidos. Quando recuo, dou um sorriso amável, mas contido e logo abro a porta. Sigo pelo corredor até o estacionamento enquanto abotoo o cinto.

—Kali? Que caralho? — O enorme rugido de uma voz furiosa me para no momento em que minha mão agarra a maçaneta.

—Vá embora, Marcus! — Escuto a ruiva suplicar.

Deveria ter continuado já que não sou bom com drama, mas a mão em meu ombro deixa claro que não sairei ainda.

Viro e vejo dois homens de pé.

—Há algum problema? — Pergunto friamente, empurrando sua mão.

—Sim. — As veias de seu pescoço incham tanto quanto seus olhos arregalam. —Sim, há um problema, de fato. Que diabos fazia ali com minha irmã?

Sua irmã? Merda. Esfrego a mão sobre a mandíbula e olho para ele e o outro homem. Está claro que morreria por uma briga.

—Marcus, pare. Deixe-o em paz. Não é assunto seu o que faço! — Protesta a ruiva, mas minha atenção se detém nas narinas a trinta centímetros do meu rosto.

Não o culpo, na verdade. Se essa é sua irmã, tem o direito de estar zangado. Mas dado que Caleb a serviu, sei que é maior de idade. Ele tem um talento para identificar identificações falsas seja esse seu trabalho ou não.

—Responda filho da puta. — Grunhe. — O que fazia com ela?

Caleb caminha pelo corredor. Aparenta preocupação pela cena, mas sei melhor.

—Olá, está tudo bem aqui?

Marcus mostra um zangado desprezo enquanto seu jovem amigo dá a volta, bloqueando a intervenção de Caleb.

—Não, não há problema em absoluto. — Levanto as mãos em simples derrota. —Peço desculpa se ofendi sua irmã de alguma maneira.

—Você não fez! — Grita ela de novo.

Dou-lhe um olhar de canto de olho. Ela é toda sorrisos de novo.

—Aí está, você a ouviu. Então que se me desculpam, tenho um lugar em que preciso estar. — Digo com um sorriso e dou as costas. Conheço seu tipo: não irei sem uma briga e não sou do tipo de assustar facilmente.

—Você tem irmã?

Fecho os olhos por um breve momento, plenamente consciente do que está fazendo. Só há uma forma de que saia do bar e não será silenciosamente, assim que respondo a altura.

—Eu tenho, na realidade. — Digo, girando de novo na metade do caminho. —Ela é uma verdadeira dor na bunda.

—Traga-a. Me deixe fode-la neste bar de merda e estaremos quites. Justo o suficiente?

Faz sentido, em tese.

—Por desgraça, terei que recusar a oferta. — Fechando o punho, giro completamente, fazendo meu punho encontrar seu rosto. —Não funciona assim para mim. — Rosno.

Ele desequilibra, com sangue escorrendo pelo nariz.

—Você está morto!

Ele levanta e vem até mim. A adrenalina corre por minhas veias, tomando meu sistema. Simplesmente espero, observando a cena se desenrolar em câmera lenta. Sua irmã pula ao redor, gritando histérica. Caleb está na frente dela agora, segurando o outro cara, com os braços ao redor do pescoço do homem.

Só uma coisa me passa pela mente quando o corpo de Marcus se choca contra o meu: não posso receber um golpe no rosto. Não deixarei que Oliver me veja ferido. Não deixarei que se preocupe comigo.

Capitulo 4

Significado

—Oh, meu Deus! — Katherine grita, a mão indo a boca depois de abrir a porta de trás. Mandei uma mensagem de texto para que me encontrasse ali.

Estico a mão para tranquilizá-la e olho para dentro.

—Onde está Oliver? — Sussurro.

Seu olhar alarmado percorre meu corpo de cima a baixo em busca de respostas.

—Na parte da frente, te esperando. Ele sabe que chegará tarde.

Meu estado de ânimo se eleva ante a percepção que é tarde. Não passou nem meia hora, mas nossa rotina está estabelecida e ele nota qualquer mudança. Foi à única razão pelo qual não fui para casa me limpar antes de vir.

—Entre, está frio aí fora. — Exige Katherine de repente, abrindo mais a porta e me empurrando para entrar.

Olhando ao redor, a sigo até o lavabo.

—Fiquei aqui. — Digo. —Vou pegar a caixa de primeiros socorros e uma das camisas de Lawrence.

—Obrigado.

Ela para na porta, olhando para trás, vacilante de perguntar o obvio.

—Devo me preocupar em perguntar o que aconteceu?

Nego.

—Não, não deveria.

Ela assente.

—Bom. Voltarei logo.

Uma vez que ela sai do pequeno cômodo, tiro meu casaco dos ombros doloridos, massageando a pressão. Marcus tem força, mas por sorte dei socos suficientes que o colocaram de bunda antes que fizesse qualquer dano real. Abaixo o olhar para o sangue em minha camisa branca, na maior parte dele, e começo a desabotoa-la quando a porta abre de novo.

É Lawrence quem entra no lugar de Katherine. Ele fecha a porta, me estuda pelas obvias lesões com sua familiar expressão de calma, mas ainda assim desdenhosa.

—Deixe-me adivinhar. — Diz jogando uma camisa limpa. — Isto foi cortesia de seu pau. Então foi uma esposa ou filha que desonrou desta vez?

Cerro os dentes, insultado. Nunca toquei numa mulher casada e não planejo fazê-lo. Sustento seu olhar repulsivo, controlando minha irritação.

—Nenhum dos dois. Era uma irmã.

Ele baixa a cabeça, com obvia vergonha no pesado suspiro.

—O que está fazendo, Logan? Quanto tempo acha que pode viver assim?

—Não comece. — Coloco a camisa por cima da cabeça. —Esse filho da puta procurava uma briga.

—Ele não me importa e sei que é o suficientemente inteligente para cuidar de si mesmo. Minha preocupação é pelo menino ali fora que sabe que quando o pequeno ponteiro do relógio marcar o número cinco seu pai estará de volta. Ele quer saber o que esteve fazendo durante nos últimos trinta minutos?

Meus ombros caem.

Harmony Series
ANGELA GRAHAM

—Eu entendo. Mas nunca chego tarde, então não me faça sentir culpado agora.

Lawrence continua ignorando minha suplica:

—Ele está sentado no vestíbulo, se negando a brincar, incluindo a se mover do lugar porque sabe que em qualquer momento você aparecerá. E quanto mais tempo espera ali, mais profundo franze o cenho. Ele está preocupado.

Uma dor aguda me atravessa. Empurro Lawrence para ir até meu filho, mas ele me puxa de volta.

—Limpe o rosto. — Ele segura uma toalha na outra mão.

Eu pego, abaixo a cabeça para me olhar no pequeno espelho da parede. Sangue seco está em minha bochecha e pescoço.

—Há algo que quero falar com você. Katherine não está certa de como dizê-lo, mas Oliver está perguntando pela mãe.

—Não. — Jogo a toalha suja junto com a camisa manchada.

—Ela não sabe como evitar por mais tempo. Ele quer respostas, Logan. Ele vai completar quatro anos em poucos meses, começará a pré-escola e verá a todos os amigos com as mães.

Ira ferve em meu interior. Não há nada que possa fazer a respeito, salvo me assegurar de proporcionar tudo o que precisa.

—Ele vai ficar bem. Eu me assegurei disso. — Começo a caminhar de novo, mas suas mãos levantam, me detendo uma vez mais.

—Oliver vai saber dela, de uma maneira ou de outra. O melhor é que seu pai conte.

Incapaz de controlar a fúria provocada por se quer pensar nessa mulher, meu punho se conecta com a parede, quebrando a placa de gesso. Lawrence nem sequer se intimida.

—Pelo amor de Deus, ele ainda é um bebê! — Rosno.

Dou um passo para trás e respiro fundo. Oxigênio enche meus pulmões se contraindo dentro do peito antes de finalmente exalar.

Nunca penso em Natasha. Ela é uma caixa que fechei há muito tempo e não estou perto de abrir.

Minhas palavras seguintes são ditas ainda de costas para ele:

—Não posso dar-lhe uma mãe, Lawrence, mas quando acreditar que ele está pronto, responderei as perguntas sobre ela. — Viro para ele, a expressão tão dura quanto meu coração. — Agora se afaste do meu caminho.

—Talvez não possa lhe dar uma mãe, mas pode tentar um pouco mais encontrar alguém digno de carinho. Tenho um amigo que trabalha num serviço de namoros...

Gemo, passando as mãos pelo cabelo.

—Você me conhece o suficientemente bem para saber que não acontecerá! — Interrompo. — Agora saia ou eu te movo. — Dou um passo para ele, deixando claro que a conversa acabou.

—Você tem que deixar de se prostituir e encontrar uma boa mulher. — Ele pressiona, apesar da evidente agitação.

Minhas mãos percorrem a mandíbula e envolvem ao redor do pescoço, travando os dedos ali para não bater em outra coisa.

—Dê-se por vencido, não estou interessado. Eu me ocupo com meu filho e com os negócios. Isso é tudo para o que tenho tempo. Isso é tudo o que quero.

Lawrence não diz nada. Só abre a porta e afasta, me deixando passar. Solto as mãos e saio.

—Você é melhor do que isso. — Diz ele atrás de mim num tom abatido. —Você está perdido agora.

—E não quero me encontrar.

❁ ❁ ❁

Vejo Oliver sentado com as pernas cruzadas na porta principal, como Lawrence descreveu, com as pequenas mãos segurando o queixo. Ele está tão miserável como eu me sinto e sou o único culpado.

Aproximo-me com passos rápidos e encosto na parede, esticando as pernas enquanto sento ao seu lado. Ele se move para frente, surpreso no começo, logo pula no meu colo e envolve fortemente meu pescoço. Abraço-o forte, beijando o topo de sua cabeça. Meu corpo relaxa. Ele é minha casa.

—Papai! — Ele se joga para trás, com um grande sorriso, mas com um toque de preocupação ainda. Quero apagar isso imediatamente.

—Sinto muito por chegar tarde. Você se divertiu hoje?

—Um montão. Vamos para casa.

Ele fica de pé e estende a mão para me ajudar a fazer o mesmo. Pego-a e me lanço para frente.

—Quando ficou tão forte? — Coloco a mão sobre meu coração, com uma exagerada expressão de surpresa. — Você quase me levantou no ar.

Ele ri, satisfeito.

—No ar! No ar! — Grita Charlie, correndo até nós. Ele se choca com minhas pernas e envolve os braços ao redor dos meus joelhos. — No ar! — Exige uma vez mais.

Rindo, o levanto rapidamente e balanço de um lado para o outro, consciente da incomoda presença de Lawrence quando entra na sala um momento depois.

—Muito bem, Charlie, diga tchau. — Diz Lawrence. —É quase a hora do jantar.

Agacho para colocá-lo no chão.

—Vemo-nos na manhã de segunda, amigo. — Ele me dá um abraço, apertando meu pescoço, o que me fez sorrir mais amplamente.

Oliver já está gritando um rápido adeus a Charlie e tenta abrir a pesada porta da entrada que não consegue.

Destranco a porta.

Ele puxa a fechadura, estreitando os olhos, usando toda a força. Envolvo meu dedo na parte superior da fechadura, por cima de sua mão e abro a porta.

—Eu consegui. — Ele se exibe, virando para se assegurar que todo mundo viu. Katherine aplaude, aumentando a confiança de Oliver. — Foi fácil.

Eu rio.

—Eu te disse que era forte.

Antes de sair, subo o zíper de seu casaco e coloco a touca. Impaciente como nunca, no segundo em que o solto, ele corre direto para meu carro.

—Até segunda. — Diz Katherine em voz baixa.

—Obrigado por tudo. — Respondo olhando dela para Lawrence, que agora segura Charlie nos braços. Sua expressão é pensativa mais agradável. Diz-me que estamos bem e sem problemas. Essa é a coisa com minha família: tão logo quanto uma discussão aparece, ela some.

Saio e Katherine fecha a porta atrás de mim.

—Que tal irmos para casa, fazer um pouco de macarrão e depois passar um momento no estúdio? — Sugiro, o colocando na cadeirinha no carro.

—Quero presunto.

Sorrio e aceito. Meu filho é como eu: sabe o que quer e não tem medo de deixar claro.

—Você terá.

Levanto e fecho a porta. Quando subo no banco da frente, dou uma olhada no reflexo do espelho do retrovisor.

—Acho que temos alguns biscoitos de sobremesa.

—Chocolate?! — Ele grita, com os olhos brilhando.

—Eu acho que sim.

—Vamos rápido.

Rio, aliviado que o dia está terminando da forma que gosto: com um sorriso no rosto do meu filho.



Passamos o sábado no museu local e Oliver está impressionado com todas as coisas de dinossauros. Sua visita na loja de presente é demorada, transformando o chão de seu quarto num terreno de vorazes carnívoros e herbívoros amistosos, que Oliver tratou de me convencer que podiam falar com vozes que pareciam muito com esquilos dançando. Brincamos até que ele não pode manter os olhos abertos e dormiu pouco depois de eu ler a primeira página de seu novo livro sobre fosseis.

Quando o domingo chega, acordo cedo para preparar o café da manhã só para encontrar a cama de Oliver vazia quando vou ao seu quarto.

Primeiro vem o pânico, então corro pelo corredor só para ser detido abruptamente por sua risada fazendo eco da cozinha. Sigo o zumbido familiar de minha irmã. A adrenalina desaparece.

—Veja, e aqui é onde vovó e vovô moravam. — Diz ela.

Fico na porta, observando-a cozinhar enquanto Oliver está sentado na bancada a uns metros, olhando uma pequena pilha de fotos.

—Ah, e a vovó disse que este é o lugar aonde trabalhava quando estava no ensino médio como eu.

—E aonde é isso? — Pergunto, caminhando até Oliver para baixá-lo do balcão antes que caia.

—Oi, papai. — Ele aperta uma foto no meu rosto. —Você vê a vovó?

Harmony Series
ANGELA GRAHAM

—Oi. — Afasto a cabeça para trás para me centrar na foto de minha mãe ainda jovem, parada na frente um grande edifício com o The Harmony Tribune escrito sobre a entrada. — Muito bonita.

Ele me entrega o resto e fecho os olhos por um breve momento. Se Julia está planejando uma apresentação para mim é muito cedo.

—Por um acaso tia Julia te acordou?

Ele nega sorrindo.

—Estamos fazendo torradas para você.

—Torradas francesas. — Especifica ela.

—Torradas francesas. — Ele a imita.

Sento numa cadeira na mesa de jantar.

—Não posso esperar para prová-las.

Dou um sorriso fácil apesar pela admissão menos que verdadeira. Minha irmã está longe de ser uma cozinheira, sempre tive problema em experimentar qualquer coisa que ela fez.

—É cedo. — Digo, dirigindo meu comentário a Julia enquanto sento ao lado de Oliver e espero.

Não digo uma palavra enquanto ela traz uma jarra de suco e três copos.

Volto a atenção para Oliver, perguntando como ele dormiu. Ele explica rapidamente como os pinguins brincaram debaixo da sua cama ficaram até tarde com os dinossauros, o mantendo acordado.

—Da próxima vez, só diga para eles irem dormir. — Aconselha Julia, rindo.

—Eu faço. Eles nunca escutam. — Ele faz biquinho. Eu afasto seu cabelo, rindo.

—Aqui. Aproveitem. — Ela se maravilha com orgulho enquanto deixa os pratos na nossa frente. Ela pega um garfo e faca e começo a cortar a torrada de Oliver antes que eu tenha a oportunidade.

Minha primeira mordida é a mais difícil de engolir. A especiaria que usou é uma que não reconheço e o ovo não está cozido, mas com o copo de suco é suficientemente comestível.

—Tenho algo a dizer. — Ela começa, sentada na minha frente. Ela dá uma mordida e faz uma careta que rapidamente trata de esconder quando minhas sobrancelhas se erguem em diversão. Sim, também coma o café da manhã surpresa.

Tomo um gole e espero com uma expressão de siga em frente.

—Já é oficial: vou me mudar para Harmony no próximo verão e inclusive consegui um trabalho.

Tomo outro gole do copo e logo o abaixo lentamente.

Ela se apressa com suas palavras antes que eu possa falar.

—É de salário mínimo, mas é numa pequena boutique na rua principal, não muito longe do dormitório.

—Como encontrou trabalho?

—Eu, mmm, fui lá. Mamãe disse que podia.

—Entendo foi essa semana?

—Ontem.

—Mmm-Hmm. — Coloco meu garfo na mesa e empurro o prato para frente, já não disposto a sofrer com seu café da manhã. — E, como vai pagar pelas aulas, livros, dormitório?

—Eu solicitei empréstimos.

Deslizo a cadeira para trás e levanto, levando o prato cheio para pia e coloco lá. Em que está pensando? Empréstimos? Ela não tem que ir por esse caminho. Pego um iogurte da geladeira e uma colher da gaveta dos talheres, junto com uma banana no balcão enquanto volto.

—Aqui. — Abro o iogurte e entrego a Oliver, ao notar que está movendo sua torrada francesa ao redor do prato, também sem comer depois da primeira mordida. Seu rosto sombrio se ilumina enquanto aceita.

—Então parece que tem tudo resolvido. — Adiciono, descascando a banana e colocando ao lado de Oliver.

—Mamãe se ofereceu para ajudar se eu precisar.

Isso agita meu temperamento ainda mais. Com certeza ela precisa de ajuda!

—Mamãe não tem dinheiro para te ajudar. Ela vive da aposentadoria.

Ela revira os olhos.

—Mamãe me comprou um sanduíche de vinte dólares ontem, Logan, com sua bolsa Channel combinando com as luvas, ela tem dinheiro.

—Está bem, faça o que quiser. Mas nossa mãe tem coisas lindas porque Lawrence e eu cuidamos dela.

—E papai também.

Isso não é mentira. Inclusive divorciado, ele daria a minha mãe a lua se ela pedisse, mas ela nunca o fará. Inclusive ele teve que enganá-la para que mantenha a casa em que vivia quando se separaram. Ela não pediu nada e é tão teimosa quanto minha irmã e ele sabe que está perdido.

— Traga Oliver quando for embora.

Minha irmã se mudará para Harmony, já é hora de que ver do que se trata a pequena cidade. Saio da cozinha e faço uma ligação.

Caleb responde ao primeiro toque.

—Ei, ainda é cedo.

—Vou te buscar na sexta-feira à noite às seis horas da tarde. Certifique-se que tenhamos algo de interessante para fazer na sua cidade natal.

—Claro que sim! Arrumarei tudo. — A ligação termina e vou ao meu escritório.

Capitulo 5

Angelical

Onde diabos estou indo? A saída interestadual nos leva a um longo caminho rural com nada exceto árvores sem folhas e uma cerca irregular que fica mais arruinada quanto mais longe dirijo. Aqui é onde Julia quer viver? Talvez deva fazer um teste de drogas.

Só a ideia de minha irmã vivendo aqui deixa meus nervos à flor da pele. Agora que tem o apoio de nossa mãe e um trabalho sem sentido ela pensa que se estabeleceu. Mas estará pedindo minha ajuda depois de um mês neste lugar.

— A cidade está alguns quilômetros mais à frente. — Explica Caleb do banco do passageiro e levanta o olhar do telefone. Ele enviou mensagens pela maior parte da viagem.

Abaixo o volume do rádio, a conversa do DJ me deixando exasperado. Ou talvez fosse a persistente sensação de que vou me decepcionar com essa noite.

Caleb finalmente coloca o telefone no bolso do casaco.

—Teve sorte? — Pergunto.

—Sim, vamos nos encontrar com meu amigo no café do Josh. Prometeu nos proporcionar uma noite a se recordar.

—Bom. — Resmungo, não podendo evitar a irritação. Além de Julia e o tráfego da cidade, também tem o pequeno fato que Caleb esqueceu de mencionar até estarmos na metade do caminho: Harmony não tem um bar local.

Como é possível? É realmente raridade para mim. Planejei beber meu peso em uísque e me enterrar numa mulher local. Não quero algo

memorável, quero algo agradável e se isso não acontecesse depois de dirigir todo o caminho até o fim do mundo, chutarei o traseiro desse cara, Josh.

—Ah, vamos. Esqueça de sua irmã e todos os outros. Não é tão mal aqui. — Ele abaixa a vidro da janela, permitindo que o ar frio entre. Caleb respira profundamente, fechando os olhos.

Nego, me concentrando na rua vazia.

—Ar fresco do campo, tem que apreciar isso. Só há uma coisa melhor e Josh prometeu não nos decepcionar. Disse que mandou recado a todos os caras para que se assegurassem de que as namoradas levassem um montão de amigas.

Isso alivia um pouco meu mau humor, igual à placa de "Bem-vindo a Harmony" que finalmente vemos.

—Vire à direita na rua principal, e o café... bom, já o verá. — Ele ri.

—Direita.

São sete horas de uma sexta-feira à noite e a cidade está praticamente morta. Só há um par de pedestres nas proximidades e tem que ter menos de uma dezena de carros na rua. As duas pessoas na calçada nos cumprimentam quando passamos, apesar de que não poderem nos ver através das janelas escuras. Harmony parece diferente de qualquer cidade que visitei o que diz algo tendo em conta o muito que viajo a negócios. Não é um lugar para turistas.

Acho estranhamente peculiar, mas ainda assim reconfortante.

—A escola está no outro lado da cidade. — Diz Caleb, interrompendo meu desconcerto. —Todo mundo provavelmente está no jogo.

—Jogo?

—Futebol! — Ele grita, lançando os punhos no ar num espetáculo exagerado de simulada emoção. Olho para ver seu sarcasmo se converter em algo escuro. —É para isso que a maioria das cidades pequenas vive. Harmony não é diferente.

—Acho que é por isso que não é fanático por esportes.

—Mais para frente. Estacione no lado. — Ele diz, o tom de voz é passivo, evitando a pergunta implícita. Não me meto. Nunca o faço. Pode contar com isso.



Paramos no café do que é ridiculamente chamado de "A Cafeteria", embora esteja num antigo edifício de tijolos não tendo nada em comum com o que imagino um café real. Parece mais um bordel de médio sigilo, mas com nenhuma mulher e odor de mofo. As ampulhetas vermelhas nas paredes servem de decoração para fotos antigas em branco e preto dos dias de glória do prédio.

—Está querendo foder comigo? Como é que este lugar não está condenado? — Pergunto a Caleb, minha voz baixa, mas não o suficiente. Ignoro os suspiro e olhares penetrantes da mesa ao lado.

—Ele está brincando. — Caleb ri, se desculpando por mim. Ele vira me dando um soco no estômago.

—Desculpe. — Dou de ombros. Não posso evitar, o lugar é uma monstruosidade e não tem nem um só cliente menor de sessenta anos.

Vamos até a caixa registradora, manobrando entre as mesas dispersas de todas as formas, tamanho e cores e as cadeiras que não fazem conjuntos são puídas e sujas.

—Este lugar sempre esteve aqui. — Diz Caleb, olhando ao redor com admiração.

Estamos vendo as mesmas coisas?

—Josh! Olá! — Caleb diz ao homem que sai da parte de trás.

Deixo cair a cabeça para ocultar a risada dissimulada que luta para escapar. O cara aparenta ter nossa idade, apesar da jaqueta escolar e a calça folgada que lhe dá um andar estranho.

—Caleb! Até que fim, homem. Ainda não posso acreditar. — Josh empurra a bandeja vazia em suas mãos sobre a mesa e corre, puxando Caleb num abraço.

Não posso imaginar o Caleb que conheço nos últimos dois anos crescendo aqui. Ele nunca fala da cidade fora ter compartilhado algumas recordações escassas perto de seu irmão mais novo. Olhando agora o suposto amigo de escola, ele está tão fora de lugar como eu.

—Sim, passou muito tempo. Este é Logan. — Diz Caleb, e ambos se viram para me olhar. —É um amigo.

Estico a mão e Josh a segura num aperto muito ansioso antes de soltar.

—Então esse é o seu lugar? — Dou uma olhada ao redor do salão. Josh concorda com um sorriso. —Lindo. — Respondo, usando a expressão mais amável que consigo ter.

Não estou certo se devo odiá-lo por servir a essa pobre gente algo dessa cozinha ou admirar sua persistência em manter o lugar funcionando. De qualquer maneira, ele não é o cara mais inteligente empresarialmente, isso está claro. E “qualquer amigo de Caleb é amigo meu” nunca se aplicou a nós. Lembro que estou aqui para ter um bom momento, mas não acontecerá.

Sua alegria vacila enquanto mede a sinceridade de meu elogio.

—Como estão os lucros deste lugar? — Pergunto, minha curiosidade despertando. Se é o único restaurante na cidade, pode valer algo.

A mão de Caleb bate no meu ombro.

—Não se preocupe com Logan. Ele é todo trabalho até dar-lhe uma razão para se divertir. Eu expliquei a ele que está tudo arranjado para esta noite. Diga que chamou algumas das mulheres que lembro.

Ele balança a cabeça, me lançando um olhar cauteloso.

—Não, a maioria das mulheres da escola, foram embora da cidade, se casaram ou engordaram, mas...

—É melhor que seja um maldito bom, “mas”. — Responde Caleb.

—Acho que ficará muito feliz. Temos jovens da universidade para nos manter entretidos.

O cenho que falho em ocultar se aprofunda. Julia será uma dessas mulheres logo, mas por sorte ela não é tão insensata.

—Estudantes, hein? — Digo pouco impressionado.

—Jovens buscando diversão; estão sempre rodeando os homens mais velhos e esta noite estarão num jogo de pôquer. — Ele pega os menus de trás do balcão; — Mas primeiro, vamos alimentá-los... por conta da casa.

Caleb percebe meu olhar duro e irritado. Não comerei nada neste lugar.

—Obrigado, mas estamos bem. Comemos durante a viagem. — Diz Caleb dando de ombros, fingindo decepção. — Talvez na próxima vez.

Josh me olha com ceticismo e logo guarda os menus.

—Está bem, bem, então por que não vem na parte de trás, dá um cumprimento rápido aos caras na cozinha e então podemos ir?

—Soa como um plano. — Responde Caleb e começa a segui-lo. —Você vem?

—Não, vou ficar aqui. Leve seu tempo.

Ele assente e desaparece pela porta da cozinha. Uso a oportunidade para ter uma vista melhor da cidade.

Parado na enorme janela da frente, rodeado de especiais da cafeteria, olho para fora, o lugar aonde nasci, o lugar que não tenho lembranças. Há um momento fugaz em que me pergunto se meus pais alguma vez comeram neste lugar antes que fosse um lixo. Faço uma nota para perguntar a meu pai sobre isso na próxima vez que nos vermos.

Os edifícios na rua principal aparentam ter quase um século e estão em sua maioria deteriorados, mas todos parecem abrigar negócios operacionais. Faz sentido, tendo em conta que a cidade mais

perto está a uma pequena viagem de carro. Os residentes não têm outra opção além de apoiar o comércio local.

Perdido em minhas reflexões sobre o tipo de lucro que posso esperar de maneira realista com tão poucos consumidores, minha atenção é presa por uma pequena loira correndo na rua até a cafeteria.

Uma mulher pequena, mais velha e de aspecto frágil se arrasta atrás num ritmo mais lento, agarrando a bolsa e gritando algo que não posso entender através do vidro.

Não é até que a loira está diante de mim, com uma janela como nosso único divisor, que me dou conta que ela está correndo. Ela aperta um lenço, impedindo a próxima rajada de vento de levá-lo.

Olho fixamente, cativado, quando ela se agacha para pegá-lo. O casaco desliza para cima e a calça jeans desce, revelando a renda do fio-dental branco. Minha boca abre e a língua lambe os lábios ante a brancura da pele.

Depois dela ajustar o casaco, ela entregou o tecido para a mulher mais velha, cuja testa preocupada relaxa com um sorriso de agradecimento, enquanto o coloca sobre a cabeça e afunda debaixo do queixo.

Elas ficam conversando por um momento. O longo cabelo ondulado da loira é abundante e cheio, caindo ao redor do corpo delicado. Não posso ver o rosto, mas inclusive através do volumoso casacão, posso apreciar a bunda firme e coxa torneada. Ela treina, tem que fazer. Ninguém tem naturalmente um corpo assim.

Meu pau vem a vida. Pendo a cabeça de lado, com a esperança de conseguir uma visão de seu rosto, mas ela vira de repente e seu cabelo blinda qualquer oportunidade que tenho enquanto vai diretamente para a porta. Dou um passo para trás, de repente ao me dar conta que está vindo comer. O pensamento de alguém tolerar o cheiro no local, muito menos a comida real, me deixa inquieto.

A campainha toca quando ela abre a porta e a velha entra sozinha.

O que? Volto para janela e encontro a loira de pé do lado de fora, tirando o telefone para fazer uma ligação. Está esperando alguém? Quando afasta o cabelo de lado, finalmente tenho a visão que desejo.

Suas radiantes bochechas rosadas destacam o perfil delicadamente esculpido e carnudos lábios. Seus olhos são suaves e gentis e enquanto fala no telefone, eles brilham e um sorriso curva os deliciosos lábios e meu pau faz uma saudação completa.

Reajusto-me, sem me importar com quem verá. Ela não pode ter mais que vinte e poucos e tem um ar de doçura. É atraente, mas recatada... linda, mas de uma maneira sutil, relaxada. Encaixa bem na cidade.

É um anjo escondido no meio do nada, um encanto que preciso pressionar contra mim, me conduzir dentro e chupar até ela se retorcer de prazer e pedir mais. Terei minha noite, saindo com o conhecimento que tive a melhor bunda que esta cidade de merda pode oferecer.

Ela se afasta e logo passa perto da janela, completamente alheia a mim. Minha cabeça vira completamente cativado e cheio de luxúria quando sua figura perfeita se afasta.

Tenho que detê-la. Preciso detê-la, saboreá-la, fode-la e logo enviá-la de volta para encantar o cara seguinte. Estou chegando na porta quando Josh aparece e deixa escapar uma risada.

—Ah merda, cara, não se irrite. — Ele me dá uma palmada nas costas e olho sua mão. Ele a deixa cair, murmurando uma desculpa.

—Pelo quê? — Pergunto, desconcertado.

O que ele sabe dela?

Então me dou conta: é uma cidade pequena... ela provavelmente esteve ao redor algumas vezes. É difícil de acreditar, a julgar pela inocência que tem em sua expressão, mas não posso compreender como um homem pode vê-la e não saltar em cima.

—Você não a quer. Confie em mim. — Ele coloca um chiclete na boca e logo estende um para mim.

Nego uma vez.

—Quem é? — O impulso de sair e persegui-la, certo que posso seduzi-la e levá-la para casa é mais forte do que senti em muito tempo.

—Odeia os homens. —Ele ri. — Sério, não está procurando alguém do seu tipo.

Minhas sobrancelhas sobem.

—Lésbica? —Posso lidar com isso. Tive algumas em minha cama antes.

Ele responde.

—Não! —Mas logo pensa um momento. — Na realidade, quem sabe? Depois da forma que tratou Mark, é difícil dizer. Uma pena, na verdade, é uma mulher o suficientemente agradável, mas pelo o que ouvi um fiasco na cama. Então, como disse não se irrite. — Ele se afasta. — Caleb está no estacionamento, pronto para ir. Ele me pediu para procurá-lo.

Começo a caminhar até aporta quando ele chama:

—Podemos ir por trás. Ela se conecta ao estacionamento.

A princípio vacilo em meus passos até a porta onde a loira não está muito longe, mas afasto a ideia. Deslizo a mão pela mandíbula, me colocando de novo em movimento. Busco algo seguro e se não é ela, vou encontrar outra mulher nesta cidade.

Capitulo 6

Jogos

A casa em que vamos está a poucas quadras fora da cidade, mas escondida por um bosque. Josh nos leva pelo quintal, junto a um grande lago e uma estrutura de aço perto da parte posterior.

Na garagem da casa há uma mescla de quadriciclos e motos de trilha. Olho a moto menor na parte da frente. Oliver faria uma festa com isso. Ele ainda é muito pequeno para subir numa bicicleta.

—Sinta-se livre de pegar uma e ir pela montanha essa noite. — Oferece Josh, abrindo a porta. — As mulheres adoram.

Não soa uma má ideia.

Quando entramos, me sinto um menino brincando numa fortaleza. O piso de concreto está coberto com um enorme tapete preto, com sofás incompatíveis e uma velha poltrona reclinável no canto da sala.

Passando isso, no outro canto, há um par de velhos refrigeradores, um barril com torneira, e uma pia que imita a de Katherine. Um grupo de mulheres em vestidos curtos e botas altas está falando ao redor da mesa de bilhar no outro canto. Isto não é um clube elegante da cidade, mas servirá.

Caleb aparece do nada, dando um passeio até um grupo de homens que chama seu nome. Todos gritam que faz muito tempo desde que o viram. Vou até a improvisada cozinha com Josh. Ele abre a antiga geladeira e me entrega uma cerveja.

—Josh! — Uma mulher usando uma enorme camisa de flanela masculina e nada mais, corre até ele.

Volto o olhar as outras mulheres, me perguntando por que a calefação está ligada, mas não há calor. Ele a levanta, beija uma vez e logo bate em sua bunda quando ela sai correndo de novo.

—Bem-vindo ao bar local. — Ele levanta os dedos, fazendo aspas no ar. —Não é muito, mas funciona para nós.

—Um inferno de mesa de pôquer tem ali. — Digo, caminhando até o centro da sala. Não é uma casa de fraternidade padrão, mas faz o pagamento de alguns meses da cafeteria.

Caleb se aproxima com o grupo de caras, me apresentando antes de sentarmos à mesa. Sento em frente à Caleb, é nossa rotina. Nunca sentamos perto durante um jogo. Se algo acontecer, saberíamos as mãos dos demais, por isso sempre nos sentamos onde podemos vê-las.

Depois que os caras servem algumas doses a Caleb por seu caráter esquivo de por que foi embora da cidade anos atrás, eles distribuem as cartas.

—Não vai nos apresentar? — Pergunta uma mulher, caminhando por trás de Josh e colocando as mãos em seus ombros, deslizando para baixo sobre seu peito. Parecem mais íntimos que amigos, mas sua reação não afetada me diz que é tudo da parte dela.

Tem um rosto lindo, uma das mais lindas dali, mas não é um anjo. Afasto esse pensamento tão logo quanto chega.

—Mackenzie, eles são Caleb e Logan. Caras, ela é Mackenzie. — Ele diz casualmente. Seus olhos se arregalam como pratos.

—Oh meu Deus! Você é irmão de Luke? — Ela suspira, dando um amplo sorriso a Caleb.

—Esse sou eu. Como conhece Luke? — Pergunta Caleb, baixando as cartas.

—Fomos à escola juntos. — Ela corre o polegar pelo lábio inferior, flertando com ele. —Lembro de você. Você estava no último ano e era um dos caras mais sexy da cidade.

Não é tímida e nem um pouco sua escolha habitual. A mulher é só ossos. Pego as cartas na mão. Quando olho de novo um momento depois, Caleb está acariciando a perna para que ela sente.

—Vai ser minha moça da cerveja esta noite? — Ele pergunta, movendo seu cabelo de lado.

—Vou ser o que quiser essa noite. — Ela ronrona.

E ele está feito. Bom para ele, mas um olhar ao redor da sala me deixa em branco. As mulheres ali são meninas, apenas em idade legal, não para mim. O resto esteve ao redor muitas vezes. Gosto que minhas mulheres tenham um toque de classe e não sejam tão ásperas. Ainda assim, depois de algumas doses, uma delas servirá.

Dentro de uma hora, os universitários falantes sentados ao redor de nós estão sem dinheiro e nos sofás dando boas-vindas a mais meninas retardatárias. Seus assentos são rapidamente ocupados por caras locais com os que Caleb foi para escola.

—Então, o que está acontecendo no jornal? — Pergunta o cara que pegou o assento do meu lado. — É tudo que meu pai se queixava semana passada. — Ele esteve olhando a mesa durante um tempo do outro lado da sala. Só o notei pela camisa polo muita apertada. Tem que pertencer a uma mulher.

Josh fica olhando as cartas que está embaralhando, sem prestar atenção e outro cara sentado junto dele eleva a voz:

—Minha avó está procurando um comprador. O problema é que nenhum é o suficientemente bom.

—Suficientemente bom? — Suspira o Cara de Polo. —Para administrar o puto Tribune? Diabos, deveria comprá-lo Josh. Vender essa cafeteria descomposta e ascender.

—Vai à merda, Mark! — Resmunga Josh.

Mark? De nenhuma maneira a loira saiu com esse tarado!

Mas é ele o mesmo Mark que Josh se referiu? A cidade é suficiente pequena para questioná-lo. Inclino a cabeça para ter uma

melhor visão. Tem o aspecto de um atleta para as mulheres, mas não se pode negar que é nada mais que um pequeno presunçoso.

—Desculpa cara. Só estou dizendo... — Começa Mark.

—Bem, não faça. — Josh corta.

A tensão é espessa no ar e não estou certo de por que é um tema tão irritante. Grosseiro ou não, a cafeteria é uma merda.

—Você está administrando essa cafeteria por dois, três anos? Sem êxito. — Diz Caleb suavemente. —Precisa de muito carinho e seu pai não gostará dessa carga em você.

—Eu não a venderei. Ela foi sua vida. —Josh vira os olhos para Mark, logo começa a repartir uma nova mão, deixando claro que o assunto acabou.

Mark parece bastante feliz com a mudança de tema.

—Tenho que admitir Caleb, não esperava vê-lo de novo. — Diz, baixando o olhar para as cartas. —Apenas encontrei seu irmão umas semanas.

—E como ele está? — Pergunta Caleb depois de uma pausa interminável.

A cabeça de Mark sobe.

—Talvez devesse ligar alguma vez e verificar por si mesmo.

Caleb não responde ainda concentrado no jogo. A mão passa rapidamente, um por um saem até que ficam poucos jogadores. Estes caras não têm ideia de um jogo real.

—Onde esteve de todos os modos? — Pergunta Mark, olhando para Caleb.

—Longe.

—Não me diga, algum lugar particular?

—Aumento a aposta. — Diz Josh enquanto Caleb acrescenta.

—Por que as pergunta? — Caleb pergunta, finalmente encontrando o olhar de Mark.

As coisas estão esquentando rapidamente. Não estou certo de qual é seu passado, mas Mark é alguns anos mais novo que Caleb e não parecem amigos de escola. Caleb é um cara tolerante, o qual é uma das razões pelo que nos damos tão bem. Ele é geralmente o que rejeita a merda, mas que dá conta quando vai além do limite.

Se Caleb quisesse colocar este idiota do Mark no lugar, não me importarei em ajudar. Maldição, eu aproveitarei e não tem nada a ver com a doce loira. Mark é só um idiota que fala demais e enquanto está sentado ali vendo a irritação de Caleb aumentar, estou preparado para qualquer coisa.

—Seu pai sabe que está na cidade? — Pressiona Mark, enchendo o ar de tensão.

—Isso importa? Estou aqui para jogar pôquer, não falar. — Diz Caleb entre os dentes, com a voz tensa. Sim, está a ponto de perder o controle.

—Bem, tem minha mulher em seu colo, então estou um pouco distraído. — Mark rosna. — Dobro. — E joga as cartas sobre a mesa.

Josh ri, engasgando com a cerveja antes de cuspi-la.

—Amigo, se reclamar todas as mulheres com que fodi, nenhum homem em uma área de três estados terá alguma.

Caleb coloca as cartas sobre a mesa e recolhe a aposta. Logo abre os braços, indicando que Mackenzie pode levantar.

Ele olha para Mark com um sorriso fácil.

—Tudo o que tinha que fazer é dizer. — Ele se inclina para frente, sorrindo. —Mas para que conste, sua mulher veio a mim. Pode ser que queira ter isso em mente.

Sorrio e me inclino na cadeira, tomando outro gole de cerveja para terminar a segunda garrafa. A seguro de lado, onde uma menina aparece num instante para a substituir.

Caleb faz uma demonstração em explorar a sala, pousando o olhar na menina que usa só uma camisa e está sem calça. É a única meio vestida. Quando aponta o dedo, ela se aproxima com um balanço adicional em seu passo.

O jogo continua à medida que mais pessoas entram e saem do edifício. Há poucas caras novas, entre elas uma mulher em particular com a quem peguei Josh trocando olhares enquanto a noite prossegue.

—Querida, pode ir me conseguir uma cerveja? — Pergunta Mark a Mackenzie, apertando seu joelho. Ela está em seu colo desde que deixou o de Caleb, com Mark inconsciente do fato de que seus dedos dos pés descalços estão acariciando minha coxa. Com a cadeira de lado e ela sentada na frente, também me dou conta do bom número de olhares sugestivos que me deu.

Pegar sua mulher e fode-la até que estivesse de joelhos, incapaz de caminhar de volta para ele, parece cada vez mais um grande plano.

—Claro. — Diz ela, me olhando antes de levantar. Dou uma piscada e a vejo sacudir os quadris enquanto cruza a sala. Estou a ponto de segui-la quando Josh dá uma risada ruidosa.

—Merda, eu esqueci, Mark. Adivinha quem vimos hoje, brilhando como sempre?

—Quem? — Mark parece irritado enquanto abaixa as cartas, mostrando à primeira.

—A sua velha bolha e corrente.

Mark coloca os olhos em branco, se inclinando para frente e apoiando os cotovelos sobre a mesa.

—O que ela fazia?

—Eu não falei, só admirei.

—Sempre foi boa para isso. — Mark ri.

Puxo minhas cartas, com irritação pesando em minhas veias.

—Estou certo de que ela é mais que um rosto bonito que o manteve entretido.

—Obviamente não, porque passa cada fim de semana aqui. — O cara do lado de Josh interrompe numa risada.

— O que posso dizer? Preciso de mais do que uma doce mulher buscando me acalmar.

—Podemos para de falar dela? — Mackenzie volta, empurrando a cerveja nas mãos de Mark, mas não se move para sentar.

—Ah, ainda com ciúmes, Mackenzie? Não fique. Ao contrário de Cassie todos sabemos que você é boa de cama.

Cassie? O nome não cai bem. Viro a cabeça o suficiente para medir a expressão que Mark tenta ocultar. Algo me diz que não é ela que é ruim na cama e sim ele que não soube lhe dar prazer. É uma pena que perdi minha oportunidade de mostrar o que um homem de verdade pode fazer com sua doçura.

—Deveria ter a trazido aqui algumas vezes. Estou certo de que algumas das meninas poderiam ensinar alguns movimentos. — Josh olha Mackenzie. —Certo baby?

Mackenzie se afasta com as mãos nos quadris, batendo na parte superior da cadeira de Josh quando passa.

—Cassie nunca terá nenhum movimento que valha a pena comprovar, então podiam deixá-la em paz. — Diz Mark.

—Vamos, não pode ter sido tão mau. Diga a verdade: Cassie Clarke é um pequeno demônio na cama. Você simplesmente não quer compartilhar.

Caleb levanta o olhar de sua mão pela primeira vez desde que começaram a falar dela.

Mark nega, rindo.

—Direi isto: a mulher tem uma chupada decente, mas...

O punho de Caleb bate na mesa, surpreendendo a todo mundo exceto a mim. Todos se calam, o olhando por uma explicação.

—Estamos aqui para jogar as cartas, assim fechem a maldita boca. —Sua cabeça se move lentamente de Mark a Josh, colocando-os

no lugar. — Outra maldita palavra sobre Cassandra e arrancarei suas malditas línguas! Entendido?

—Sim... desculpa. — Gagueja Josh, tremendo visivelmente. —Não queria fazer nenhum dano. Ela é uma boa mulher.

—Com certeza que é; assim não digam outra palavra sobre ela!

Caleb a conhece... conhece Cassandra. Esse é um nome que se ajusta a doce loira. Sorrio para minhas cartas, aproveitando o fato de que talvez nossos caminhos voltem a se cruzar. E se alguma vez ocorrer me certificarei de tomar meu tempo em mostrar todas as razões pelo que necessita de um homem em sua cama. Depois de Mark, ela apreciaria uma noite comigo.

Depois da ameaça de Caleb, a mesa se mantem relativamente tranquila por um tempo. À medida que a noite avança, sei que Caleb sei um plano em andamento, que não estou certo, mas tem a ver com Josh.

A menina com que Josh esteve trocando olhares toda à noite passa na minha frente para ir até a cozinha e vejo seus olhos a seguindo. Ele tem algo por ela e vejo o motivo. Ela é mais ou menos da sua idade, mais baixa e loira com raízes escuras. Não é nenhum anjo. Quando passa na frente de novo, agarro sua mão e a puxo para meu colo.

—Preciso de um amuleto de boa sorte. — Murmuro, acariciando sua bunda. —Você serve para isso.

No momento que envolvo o braço ao redor da cintura da menina, com meu polegar acariciando sob seu sutiã, a atenção de Josh passa do jogo para ela. Pego a ligeira mudança na expressão de Caleb.

—Qual seu nome? — Pergunta a menina se acomodando melhor em meu colo, colocando uma mão ao redor da minha nuca enquanto um dedo da outra passa por cima do meu estômago.

—Importa? — Pergunto. Meus olhos estão nas cartas. Outra mão de merda.

—Eu acho que não. — Ela se aconchega contra o meu peito e pego o duro olhar de Josh nela. Tenho sua atenção.

—Josh jogue. — Caleb se queixa. —Sua vez.

Relutantemente, Josh afasta o olhar para focar nas cartas.

—Traga uma cerveja, Liv. — Ele ordena.

Liv é o nome da menina, porque suas palavras a fazem endurecer por um ligeiro segundo antes de responder.

—Não. Consiga sua maldita cerveja.

O canto da minha boca se volta para cima. Josh não diz uma palavra. Liv tem atitude. Isso me incendeia.

Mark levanta no momento que termina sua mão.

—Estou fora. — Diz, pagando a banca. — Vemo-nos por aí, Caleb. — Suas palavras são ricas em sarcasmo enquanto caminha até o sofá onde Mackenzie está sentada. Ele pega sua mão para ajudá-la a levantar e ela se envolve ao redor dele.

Uma vez que está na porta da frente, Caleb olha para Josh.

—Desde quando ele virou um idiota tão irritante? — Ele diz.

Josh está muito concentrado em Liv para responder. Suas mãos trabalham para baixo da minha camiseta preta e as pernas sobre meu colo ocultam o fato de que está acariciando meu pau através da calça. Pressiono os lábios em seu ombro, movendo os olhos até Josh.

—Outra mão, Josh? — Pergunta Caleb. Josh ainda é incapaz de afastar o olhar irritado de Liv.

Sua mandíbula cerra enquanto nos olha. Uso uma expressão intensa enquanto seguro a cabeça de Liv, a puxo para trás e pouco a pouco coloco minha boca sobre a dela. Seus lábios e língua saem para encontrar os meus.

Tem gosto de cerveja e mel. Não sou de perder tempo beijando, é muito intimo para meus propósitos, mas o espetáculo vale à pena. Ela não está mal. Deslizo os dedos pelo seu cabelo, aprofundando o beijo. Quando me afasto seus lábios estão vermelhos e inchados.

Ela se retorce no meu colo, o que me diz que quer levar as coisas a um lugar mais privado. Beijo sua mão e sorrio quando ela fica de pé, ajustando o curto vestido estampado de flores.

Josh está no jogo por muito, então não tenho mais remédio senão continuar. Não há maneira que ele tenha tanto dinheiro.

—Você está fora ou vamos para outra mão? — Pergunta Caleb de novo.

—Ainda estou dentro. — A cabeça de Josh cai, as cartas que baixa de suas mãos tomam a pior parte da sua fúria.

—Bom, estou fora. — Digo a ponto de entregar minhas cartas.

O momento de alivio que cruza seu rosto é de curta duração.

—Por que não me mostra ao redor, linda? — Ajusto-me, ainda não totalmente duro e recolho os poucos ganhos que fiz. Quando finalmente levanto, pego a mão de Liv e olho Josh com um sorriso satisfeito. — Boa sorte.

Josh se levanta num pulo, afastado a cadeira. O barulho ganha a atenção de todos

—Você não vai com ele, Liv!

—Sério? Cuide de seus assuntos, Josh. — Responde Liv, o rejeitando.

Ela começa a se afastar, a mão apertando ao redor da minha quando Josh faz um movimento para rodear a mesa. Caleb já não tem a mulher Sem-Calça fora de seu colo e levanta num pulo, empurrando Josh.

—Fique calmo. — Caleb sugere.

—Não vou deixar que ela ser fodida por esse cara. — Josh grunhe.

Sorrio, puxando Liv contra mim, a mão deslizando e rodeando sua cintura.

—Acho que sua menina tem outros planos para a noite, então a menos que pense em se retirar, temos um jogo para continuar. — Caleb senta, ainda segurando as cartas.

—O quê? — As mãos de Josh vão para a cabeça, trêmulas. Ele solta um suspiro, falhando em recuperar a compostura. — Sim, eu saio. Estou fora, está bem!? Vamos Liv. Deixe-me te levar para casa.

Ele se aproxima e ela suspira com os ombros caindo.

—Quantas vezes eu disse? Não estou interessada. Volte para seu jogo. Eu vim por um bom momento e é isso que planejo ter.

—Eu não sou divertido? Você pareceu aproveitar outro dia.

Solto uma pesada respiração, não interessado em ver uma briga. Olho para Caleb, que está concentrado em calcular a perda de Josh.

Liv geme.

—Eu já disse: não vai acontecer de novo.

Completamente cansado desse joguinho, movo os braços de sua cintura e pego sua mão de novo.

—Aqui acabou, Josh. Agora nos desculpe, acho que tem uma dívida a liquidar com Caleb e não gostaria de deixar essa coisa bonita esperando.

A lamentável expressão de Josh se converte em preocupação quando olha para Caleb que diz:

—É um inferno que está devendo aqui.

—Vamos, Caleb, já não estamos no ensino médio. Eu te pagarei.

Já começo a sair pela porta com Liv quando ouço Caleb dizer:

—Tem um assunto que podemos discutir.

Capitulo 7

Isolamento

A escuridão nos rodeia no momento que Liv e eu saímos, a meia lua apenas proporciona suficiente luz para ajudar minha visão a se ajustar. No momento a porta fecha atrás de nós, ela está sobre mim, fervendo e excitada, exatamente como gosto quando estou na natureza.

Viro a cabeça de lado quando seus suaves lábios deslizam sobre minha barba de vários dias, ansiosos por encontrar os meus. Não parece se importar com o ar frio, movendo a atenção de novo a minha mandíbula, as mãos arranhando debaixo da minha camisa.

Ela gruda em mim quando passo a língua por seu pescoço, saboreando o salgado da pele. Sem perfume. Isso é uma mudança bem-vinda.

A porta abre e outro casal sai a tropeções, se beijando selvagemente e rindo, completamente alheio a nós.

—Aqui. — Digo caminhando mais longe, até onde guardavam os quadriciclos. Um foco de luz em cima ilumina o local.

As casas vizinhas estão protegidas por filas de enormes árvores mortas e ervas daninha. Dou pouca importância a alguém ver, ainda que não seja à primeira vez.

Liv levanta minha camisa, passando a língua sobre o mamilo enquanto inalo o ar fresco e revigorante. Caleb tem razão. Poucas coisas são tão doces. Encontro-me mais intrigado pela atmosfera do que pela menina arrastando as unhas por meu estômago.

—Você deve se exercitar... muito. — Ela suspira, os lábios descendo sobre meus abdominais.

—Você quer conversar? — Deslizo as mãos pela parte posterior de suas coxas e sobre o quadril, acariciando sua bunda —... ou quer isso? — Minha mão entra em sua calcinha.

—Isso! Eu quero isso! — Seus dedos fecham em minha camisa e a boca chupa meu pescoço.

—Achei que sim. — Afasto suas mãos e fico por trás dela. — Incline-se.

Ela treme quando bato em sua bunda e, sem mais instruções, coloca as mãos sobre o assento do quadriciclo. Levanto sua bunda.

Traço o polegar sobre meu lábio inferior, admirando sua excitação desinibida e destemida.

—Por favor. — Ela implora, me olhando por cima do ombro. A antecipação é a melhor parte. Não tenho nenhuma razão para me apressar já que tenho a noite livre.

—Silêncio. — Sussurro.

Minha mão acaricia sua coluna vertebral até meus dedos curvam ao redor de seu pescoço. A outra mão desliza para baixo de seu vestido, acariciando o suave estômago e descendo pela parte da frente da calcinha úmida.

Meu polegar roça sua boceta. O calor de seu centro me excita, afastando o frio do ar. Ela inala uma aguda respiração entrecortada quando meus dedos afastam seus lábios inferiores e deslizam no sufocante canal úmido. Sua bunda aperta contra meu pau.

Deslizo dentro um segundo dedo, inclinando ambos para bater em seu ponto G. Sei quando encontro, não pelo grito que sai de seus pulmões, mas sim pelas recordações de todas as outras mulheres que esses dedos deram prazer.

—Assim. — Digo firmemente, conduzindo meus dedos profundamente, logo puxando para trás para empurrar de novo.

Como uma máquina, me encontro fazendo-a gozar enquanto olho o céu claro, saboreando o momento e o silêncio, no lugar da mulher caindo aos pedaços em meus braços. Não há nenhuma comoção

incendiaria se filtrando em minha cabeça, só o silvo do vento, o cantar da natureza e a pesada respiração da mulher moendo contra minha mão.

Uma calma se apodera de mim satisfazendo algo por dentro. Lembro o tempo na casa do lago que não visitei desde que levei Oliver quando completou um ano e não me encontrei muito na natureza. Minha vida é programada e estratégica em todos os sentidos e férias raramente se encaixam.

Quanto mais tempo estou aqui, mais sinto falta da casa do lago e a paz que senti lá. Para minha decepção, essa tranquilidade é interrompida pelo ranger da porta de trás, mas estou muito relaxado para me importar, tão relaxado que nem sequer estou duro.

A porta fecha e imediatamente seguem-se passos. Mas Liv está perdida em seu momento e não vou decepcioná-la. Deslizo dentro um terceiro dedo, seu apertado canal se expandindo ao redor de meus dedos e observo a figura escura se aproximando. Não é até que se encontra na área iluminada que reconheço Caleb.

Não o esperava logo. Josh deu o dinheiro ou está fazendo ligações desesperadas. Os olhos de Caleb estão em Liv, tendo uma festa com a visão.

Sigo a fodendo com minha mão até que ele se aproxima, o barulho de um morcego quebra o nevoeiro, alertando sua presença. Assustada, ela se move para frente afastando minha mão enquanto luta para arrumar o vestido.

Contenho uma risada, passando os dedos úmidos sobre os lábios para provar. Quando caminha entre o quadriciclo e eu, ela se volta para frente e Caleb está ali para segurá-la.

—Pareciam ter um bom momento. Perdão por interromper. Parece que agora te devo um favor. — Diz Caleb com um malicioso brilho nos olhos que vi muitas vezes. Ele a manterá ocupada o resto da noite, mas não me importo.

Ela me olha insegura, até que minhas sobrancelhas levantam.

—Não se negue o prazer por mim linda.

Caleb dá a volta, a abraçando.

—Bom, Josh quitou sua dívida. — Começa a me explicar enquanto sustentava dois dedos na frente dos lábios dela. — Chupe.

Seus olhos ardentes se cravam nos meus enquanto os faz entrar na boca. Um sorriso cruza suas feições quando os faz sair. Apoio-me no quadriciclo, vendo suas pálpebras fecharem e a cabeça descansar contra o ombro enquanto ele desliza os dedos debaixo de seu vestido.

—Como conseguiu o dinheiro tão rápido? — Pergunto.

Caleb se concentra em Liv e minha pergunta paira ao redor.

—É assim que gosta? — Ele pergunta, alisando o cabelo de lado para ver melhor seu rosto. Ela já estava excitada e agora, depois de um segundo de seu toque, está tremendo. Sua respiração se eleva, se convertendo em nada mais que suspiros rápidos que saem enquanto luta para responder.

—Estes dedos podem te dar prazer tão bem quanto os dele. — Diz ele, mordendo sua orelha. — Josh está quebrado — Continua Caleb, os olhos indo para mim. — A cafeteria está consumindo tudo o que tem.

—Não me surpreende. Parece que nunca se incomodou em investir um centavo. — Deixo sair um suspiro aborrecido, esperando ouvir de onde tirou o dinheiro e coloco as mãos nos bolsos de minha calça.

—Sim... Sim. Bom! — Solta Liv. — Não pare.

Tiro o telefone do bolso e mudo o volume que está silenciado de novo ao som. Nenhuma chamada perdida.

—Então, como Josh conseguiu o dinheiro? — Pergunto, guardando o telefone.

—Bolso esquerdo. — Diz e é compreensível que não quer mover seu domínio sobre a cadela lasciva.

Noto a folha de papel sobressaindo do bolso de seu casaco e a puxo. Quando desdobro, meu lábio se curva. É a escritura da cafeteria. Nego, ignorando a menina gritando incoerentes suplicas nos braços de Caleb.

—Você está fodidamente louco. Esse lugar precisa de muito trabalho. — Coloco a escritura em seu bolso. — Estamos falando do tipo de derrubar e reconstruir. Além disso, o que sabe sobre administrar um negócio?

Ele dá de ombros, indiferente.

—Não muito ... mas você sim.

Meu duro olhar segura o seu.

—Não acho que se deu conta da quantidade de tempo e dinheiro que terá que investir para converter esse lugar em algo decente. Sim, estou de acordo que pode ter benefício com o tempo, mas não sem um enorme investimento. Só a viagem diária para ficar em dia com os contratantes será o suficiente para te aborrecer do projeto antes que o lugar fique pronto para abrir.

—Não penso em viajar diariamente.

—Odeio dizer, mas inclusive com os melhores contratados terá que manter um olho na reforma.

Ele não diz nada, o olhar em mim e a boca no pescoço de Liv enquanto acelera o movimento da mão. A realidade me bate rapidamente, mas levo um momento para assimilar.

—Você quer mudar para cá? — Digo sem respirar. Não vi isso. —Desde quando?

—É hora de sossegar construir algo próprio e me sinto bem aqui. Deveria pensar em...

—Não acontecerá. Este lugar não é para mim. — Digo

De onde diabos isso saiu? Há algo entre Julia e ele? Não posso entender.

—Julia sabe que planeja isso? — Pergunto com cuidado.

—Não, acho que não. Decidi essa noite, quando Josh seguiu apostando no jogo. Quantas vezes tenho que dizer? Não gosto de sua irmã mais nova. Essa menina me deixa nervoso. — Ele me dá um meio sorriso.

—Bom.

—Mais forte, por favor, aí... aí mesmo. — Geme Liv.

Caleb aperta com mais força ao redor do estômago e a puxo um pouco para trás. A ação a faz se contorcer de prazer.

—Esta pode não ser seu tipo de cidade, mas o que acontece com Julia? Você está bem que ela fique aqui sozinha? Onde acha que terminam todas as novas meninas da universidade, hein? — Ele corre a boca sobre o ouvido de Liv. — Ela só tem vinte e um anos.

—Minha irmã é uma menina inteligente. — Ele grunhe.

Caleb sorri, levantando o vestido de Liv para me dar uma visão completa.

—Você é uma menina inteligente, baby?

Ela concorda, extasiada pelo prazer que a mão está proporcionando entre suas pernas.

—Você vai à universidade aqui?

Ela concorda de novo, a respiração se converte num forte suspiro com cada pergunta.

—Mas ainda planeja ficar de joelhos para mim, não?

Ela passa a língua pelos lábios e acena a cabeça com impaciência.

—Não há vergonha nisso, baby. — Ele move o olhar até mim.

Ira me percorre ante sua implicação. Minha irmã não será outra Liv.

O pensamento me deixa louco. E quero manter um olho nela, protegê-la dos perversos idiotas como Caleb e longe não poderei.

—Tenho um negócio para cuidar na cidade e uma vida. Oliver tem Katherine. Não posso arrancar a raiz da nossa vida e me mudar para cá, tudo porque minha irmã tomou uma decisão imprudente.

—Bem, não faça. Mas considere minha oferta. —Ele abaixa a cabeça, pensando em silêncio durante um tempo e volta a levantar com um olhar decidido. — Já terminei com a cidade, Logan e será um sócio nisto. Seja aqui ou lá, quero que seja parte. Não há outro restaurante ou bar nesta cidade. Não há concorrência. Sabe que Oliver amará aqui e ...

—Não mencione meu filho quando está enterrado até o punho numa buceta! — Grunho.

Como ele terminou com a cidade? Entendo facilmente num nível superficial, mas, mudar para Harmony? Caleb tem uma família aqui, mas não é próximo. Eu não tenho ninguém, exceto uma irmã que tem que se concentrar na universidade. Não faz sentido para mim.

Inseguro de quais são meus pensamentos sobre a mudança, levanto do quadriciclo e me aproximo lentamente de Liv, cujo olhos estão muito abertos de desejo. Sem advertência, puxo para baixo seu vestido, liberando os redondos e firmes seios.

—Muito bonitos. — Grunho, passando os dedos pela pele. Agarro seus peitos nas mãos, amassando e apertando, sem cuidado e forte.

—Você quer minha boca? — Pergunto.

—Por favor. Muito. — Ela geme.

Abaixo a cabeça, chupando os mamilos nos lábios e dando voltas com a língua. Meu toque a excita tanto quanto a mão de Caleb embaixo. A dupla sensação é tudo o que ela precisa.

Ela grita quando desliza em seus braços, caindo contra ele depois do último gemido, o corpo visivelmente tremendo. Afasto-me, deixando a parte superior de seu vestido abaixada. Os seios brilham aonde minha língua vagou.

—Vou dar uma volta. — Digo, dando um passo para trás.

—Espera. — Grita a voz submissa de Liv, sem respirar. — Pensei que... quero dizer... — Ela olha para Caleb e logo para mim. — Eu quero os dois. — Ela diz.

Noto a explosão de rosa em suas bochechas e sei que ela se surpreendeu com a atitude.

É isso que acontece com as meninas em Harmony? Talvez seja algo na água ou servem algo no repugnante restaurante que as incendeia. Onde diabos viverá minha irmã?

—Claro que sim. — Caleb ri sombriamente, passando as mãos por cima de seu rubor. — Você brinca essa noite? Está disposta a qualquer coisa e tenho algumas ideias que podemos realizar nesta bunda doce.

Não estou com humor, surpreendentemente.

—Ela é toda sua. — Dou um sorriso torto para ela. — Não se preocupe. Ele vai cuidar bem de você e da sua bunda.

Liv não parece se importar e uma leve decepção brilha nos lábios suaves. Ela vira em seus braços e se equilibra na ponta dos pés para dar-lhe um beijo. Rio quando ele a segura pelos ombros.

—Josh disse que é uma esquenta pau. Vamos ver se isso é verdade. Quero essa calcinha fora. — Ouço-o dizer enquanto me afasto, saindo pela frente em direção à rua.

O ar da noite é bastante agradável. Caminho até o carro e sigo para a cidade. A partida de futebol deve ter terminado porque as ruas estão cheias de meninos da universidade em veículos buzinando e pessoas penduradas para fora da janela do passageiro enchendo as ruas.

Minha irmã se mudará e não há maneira de fazê-la mudar de ideia. Tampouco tenho posso lidar com isso ou arriscar arruinar nossa relação. Ela é grande parte da minha vida e de Oliver. Não posso afastá-la porque não estou de acordo com sua decisão.

Paro fora da cafeteria e vejo alguns senhores mais velhos dentro, tomando café e jogando cartas. O lugar é um desastre, mas quando Caleb coloca algo na mente, ele o faz. Será bom para ele. Sei que faz um tempo que procura algo para se instalar. Se isso é o que quer, estarei em sua equipe. Podemos nos juntar e construirmos um restaurante que valha a pena visitar, com um bar, então minha irmã pode se reunir ali com seus amigos ao invés de um prédio barato no

quintal de algum cara. É uma cidade universitária, precisamos dar aos estudantes um lugar para ir. E se fizermos bem, terá um monte dinheiro como resultado.

Mas não preciso morar em Harmony para isso, especialmente se Caleb estará aqui. Lawrence e eu temos várias empresas em todo o país que são muito bem administradas com a pessoa correta no time.

Fico olhando por um tempo, considerando qual de meus caras será o melhor para ajudar Caleb nesse processo quando escuto o nome da minha irmã. Um estranho desconforto me fez olhar na direção, esperando ver outra Julia respondendo. Mas ao contrário, ela está ali, rodeada de um grupo de meninas.

Que diabos?

Vou diretamente para lá pensando em nada mais que as meninas que me rodeavam na casa de Josh e em levar Julia para longe. Quando chego por trás, agarro seu braço, surpreendendo todo o grupo.

—Logan! — Ela resmunga quando a arrasto a uns metros de distância. — Solte-me! — Ela grita, batendo em minha mão.

Quando finalmente a solto, ela ergue o queixo, pronta para discutir.

—Que diabos Logan!? Por que está aqui?

Eu me afasto.

—Eu? Por que você está aqui?

Ela olha com receio para suas amigas e logo pega meu braço, nos guiando para longe e fora do alcance das meninas.

—É sexta-feira à noite e mamãe me disse que podia sair com minhas amigas para ver a universidade.

—Mentira. São mais de dez horas, não há nada que ver na universidade a esta hora. Além disso, pensei que disse que esteve aqui semana passada.

Ela suspira.

—Estou autorizada a verificar mais de uma vez. E mamãe disse que está tudo bem. Passarei a noite com uma amiga, Logan. O que está fazendo aqui?

—Que amiga? — Pergunto, olhando o grupo e ignorando sua pergunta. As meninas parecem suficientemente normais, todas usando com calças e quentes casacos, porém nada provocativo. Ela aponta uma das meninas que nos olha sutilmente, uma pequena morena com quem a vi nos últimos anos.

—Então dirigiu até aqui numa sexta-feira para sair?

—Sim. — Ela responde. —Tenho que fazer amigos locais antes da mudança no próximo verão, certo? — Ela passa por mim. —Boa noite, Logan.

—Julia! — Chamo-a.

Ela me ignora, mas a sigo.

—Vamos. — Ela diz as meninas e começa a se afastar, olhando para mim como se fosse um louco perseguidor no lugar de preocupado irmão mais velho.

Não posso escutar sua conversa quando me atraso por um momento, considerando as opções, mas o entusiasmo de uma menina quando a “A casa de Josh!”, soa é claro como água ao me atingir. Sem chance da minha irmã ir lá.

Um carro para perto e me curvo para ver que outra menina está dirigindo. Nenhum cara dentro. Isso é um bom sinal, mas não significa muito. De imediato, o grupo de minha irmã começa a entrar no carro.

—Temos que encontrar... — Começa Julia, mas a puxo de novo antes que possa entrar.

—Nem sequer pense nisso. — Ameaço.

Um grunhido retumba de dentro dela e ela levanta um dedo para as amigas esperarem. Eu a sigo um par de metros longe.

Sua voz é suave, porém severa:

—Logan, eu te amo e tem sido um irmão incrível, mas tem que entender que já não sou criança. Você não tem que se preocupar comigo.

—Sim, tenho. — Digo rapidamente. É certo. É tudo o que sei. Tudo o que fiz durante os últimos dois anos e meio foi cuidar dos que amo. Que outra coisa devo fazer? O que mais há ali? — Onde vão? — Pergunto consciente dos olhos em nós.

—Eu não direi, porque não tenho que fazê-lo. Não sou Jax. Sei o que estou fazendo. — Abro a boca para dizer que sei que não é tão descuidada como Jax, mas ela continua antes que eu possa falar: —Tenho que tomar minhas próprias decisões e cometer meus erros. Sabe disso. — Seus enormes olhos procuram os meus.

Não estou certo do que dizer. Confio nela, são os demais que me preocupam. Suspiro profundamente, passando as mãos pelo cabelo e rosto.

—Está bem. Vá e se divirta. — Toma-me todo o controle que posso juntar dizer essas palavras.

Seu rosto se ilumina, os olhos cada vez mais amplos.

—Sério?

—É melhor que se apresse antes que eu mude de ideia, te jogue sobre o ombro e leve para casa na minha caminhonete.

Ela me dá um rápido abraço e sussurra:

—Obrigada.

Sorrio, notando o brilho de sua felicidade, mas sei que não ia durar. Temos um problema maior para resolver e que ambos lutaremos duramente. Mas não sou seu guardião ou pai, só um irmão com nada melhor para fazer do que cuidar dela e não a deixarei solta no meio desse nada. Ela pode não precisar de mim ainda, mas quero estar perto se o fizer.

Quando ela se afasta, eu agarro seu braço. Quando vira para reclamar de novo, deixo de lado minhas objeções e só penso em sua felicidade.

—Eu me encarregarei da universidade. — Meu olhar pisca ao redor de nós, absorvendo a cidade. —Se aqui é onde quer estar, então tudo bem.

Seu sorriso fica amplo, os olhos brilhantes.

—Você é o melhor irmão. Sabe disso, certo?

Um peso sai do meu peito.

—Sim, sim. Melhor você ir depressa antes que te deixem. — Ela corre até o carro cheio de meninas e grito. — Fique o mais longe possível da casa do Josh! Entendeu?

Ele levanta um polegar e entra. Em questão de segundos, o carro está desaparecendo na massa de tráfego estudantil.

Isso é tudo. Ela se mudará para Harmony e Caleb testará sua sorte em administrar uma cafeteria aqui.

Odeio mudanças.

Capitulo 8

Destino

Estou indo para meu carro, sem saber como ficará minha vida sem Caleb e Julia ao meu redor tão frequentemente quando bato contra alguém. Endireito-me e faço uma careta de dor quando vejo que é a mulher que a loira, Cassandra, ajudou antes. As caixas em sua mão caem no chão e papeis voam ao redor. É quando me dou conta de que ela está chorando. Ela limpa os olhos, se desculpando pela pressa.

—É minha culpa. — Digo, tentando pegar tantos papéis quanto posso apesar das rajadas de vento.

—Oh. — Ela responde, soluçando mais forte. — Só os deixe. Deixa o vento que leve tudo, querido, como fez com ele. — Ela senta com cuidado nas escadas fora do prédio, se agarrando ao corrimão. — Não posso seguir sem ele e sei o que esses abutres de ternos querem fazer aqui. Não vou permitir que fechem esse lugar ou que o convertam numa sala fria de escritório computadorizado.

Contenho um sorriso ante sua falta de conhecimento de web.

—Você quer que o jornal volte à vida. — Digo sentando ao seu lado. Não tenho nenhum outro lugar para estar e odeio ver uma mulher, de qualquer idade, chorando.

—Sim, mas não vai acontecer. Tenho que aceitar isso. Ninguém lê a maldita coisa. — Ela faz uma careta, esfregando as enrugadas mãos para se esquentar. — Ninguém nessa cidade sequer se importa se o jornal ainda existe.

—Duvido que seja verdade. Talvez precise se concentrar em novos temas ou trazer um pouco de sangue jovem? — Ofereço.

—Talvez. — Ela parece sem esperanças.

—Ou talvez só precise de alguém com paixão por ele.

—Sim, exatamente, mas não tenho tempo para seguir procurando. Os abutres estão rodeando e não outras opções.

Conheço exatamente a mulher com essa paixão. Ainda não está pronta, mas depois da universidade, estará. E enquanto isso pode usar outras pessoas para reativar o jornal. É como qualquer outro negócio, penso, tudo se baseia em contratar as pessoas adequadas para o trabalho.

Não estou certo de como será, mas sei que Lawrence pode gerenciar o escritório central e que Caleb tem razão sobre como Oliver se encantará com o espaço aberto do campo. É como se os bosques estivessem alienando o solo para que eu tropece e veja que talvez seja a mudança preciso.

—Podemos entrar e conversar por um momento? — Pergunto, ficando de pé e estendo a mão para ajudá-la a se levantar.

—Desculpa jovem. Estou ocupada esta noite. Perdi a cabeça e agora perdi a hora.

Seguro-a firme, com a feição sincera.

—Por favor. Acho que posso ajudar.

Ela me olha com cautela. Fico ali em seu escrutínio e muito timidamente ela concorda, pegando minha mão enquanto levanta.

—Tenho spray de pimenta no bolso.

Eu rio.

—Sempre é melhor estar segura.

—De fato. Bom, vamos então sair do frio. — A sigo para dento do edifício do qual ela saiu: o The Harmony Tribute.

❋ ❋ ❋

Há algo a dizer perto de uma mulher de caráter forte e Louise leva seu tempo, mas finalmente consigo o nome da senhora que é tão forte quanto espero.

Conversamos por mais de uma hora, discutindo seus sonhos para o jornal e o preço que está pedindo. Não se trata de dinheiro mais de um pedido: ela quer ficar da melhor forma possível. Cresceu ajudando aqui e quer terminar seus dias da mesma maneira.

Estou de acordo com facilidade e vejo seu rosto se incendiar, a expressão suavizando. Resulta que o porquê de nenhum dos outros chamados abutres ser suficientemente bons é porque a veem como uma passiva enquanto que a vejo como um ganho.

Apertamos às mãos, estando de acordo do que estarei de volta em semanas com os contratos antes de sair de novo, pronto para aceitar as enormes e imprescindíveis condições que tenho que cumprir. É irresponsável em múltiplos níveis, mas pela primeira vez desde que virei pai, confio que Oliver e eu aproveitaremos.

Mando uma rápida mensagem de texto para Caleb.

Estou dentro.

Explicarei o resto mais tarde.

Só leva um minuto antes que o telefone soe com sua resposta.

Bom, mas está perdendo o que há aqui. Sem náuseas. Só o céu.

Sempre há diversão com Caleb e estou a ponto de apertar "Responder" e explicar que estou em meu caminho de volta quando duas mulheres em seus trintas anos se aproximam. Ambas são morenas e altas, uma tem a bunda em forma de pêssego. Minha boca saliva. Caleb está sozinho.

—Olá, senhoritas. — Sorrio suficiente.

Harmony Series
ANGELA GRAHAM

—Olá. — Respondeu a Pêssego. —Vimos-te aqui sozinho e nos perguntamos se precisa de diversão.

—Depende... onde querem me levar? — Respondo lascivamente.

—Você mora por aqui? — Ela pergunta.

Nego.

—Não. E vocês?

—Sim, de certo modo. Uma cidade mais para lá. Este é o lugar mais próximo para encontrar, mmm... — Ela procura as palavras adequadas.

—Você tem algo por meninos da universidade. — A outra termina por ela.

—O que posso dizer? Corpos duros, excelente resistência e sempre dispostos a comparecer.

Minhas sobrancelhas sobem. Fico impressionado com sua honestidade.

—Bom, não estou na universidade, mas posso oferecer o resto.

As mulheres, ambas vestidas com jaquetas e calças justas, se aproximam rapidamente.

—Só para deixar claro, esta é uma diversão com preço? — Pergunto, passando os dedos pelo braço de Pêssego. Eu não pago por sexo.

Ela nem sequer faz uma careta ante a insinuação.

—Só duas meninas aborrecidas buscando um orgasmo.

Meu sorriso se amplia.

—Então vieram a pessoa correta. Há um hotel ao redor?

—Não é um que gostaria de estar, mas conheço um lugar que está aberto. — Pêssego envolve o braço ao meu redor e desliza a mão em meu bolso traseiro, apertando a bunda. — Estacionamos ali.

Sigo sem reclamar, sem me preocupar com onde é este lugar.

O caminho não é longe, mas não há nada salvo arvores para ver quando nos afastamos da rua principal. Sento no assento da frente com minha mão entre as pernas de Pêssego, afagando o monte escondido debaixo do jeans apertada enquanto sua amiga observa do assento de trás. Não há casas ou edifícios pela janela até que de repente estacionamos numa entrada.

Há uma porta de que ela conhecia o código e entramos. A casa tem que ser a maior de Harmony. É notavelmente fora de lugar em comparação com o resto, mas situada tão longe que tem seu próprio lugar. A única coisa ao redor é a pequena casa ao lado, que não é ordinária em comparação, mas parece bem cuidada.

O sinal de "Vende-se" que passamos na frente vira minhas engrenagens.

—Quem mora aqui? — Pergunto, subindo as escadas da entrada.

—Ninguém. — Respondeu Pêssego. — Ela está no mercado há um tempo. — Ela abre a fechadura e retirou a chave, abrindo a porta da entrada sem esforço antes de acender o interruptor de luz para iluminar a beleza do espaço.

—Você está no setor imobiliário? — Pergunto, entrando casualmente, mais interessando num passeio pela casa que nos seus corpos sensuais.

—Eu estou. — A voz de Pêssego é carregada de sedução. — Está pronto para aprender algumas coisas sobre mim?

Movo-me mais para ela, ignorando o fato de que está tirando a parte de cima lentamente num esforço para fazer um espetáculo.

—Você é a corretora da propriedade?

—Mmm, não..., mas uma amiga é. — Ela soa tão confusa quanto parece.

De um quarto ao outro, o lugar é tudo o que posso desejar para Oliver e eu. Olho pela janela traseira e vejo uma piscina coberta pra a temporada. É pequena, mas tem bastante espaço para ampliá-la. A parte traseira da propriedade não tem nada, exceto uma fila de árvores que conduz aos densos bosques.

Não estou certo do que sinto ou de onde vem, mas igual à Caleb não tenho lugar. Ainda que consciente de que é uma decisão importante comprar uma casa, sei que não há outra igual em Harmony. Ficarei com ela e na segunda-feira de manhã posso averiguar o resto.

—Quem mora ao lado? — Pergunto. As suaves mãos persistentes envolvem minha cintura por trás, cobrindo meu pênis que ainda estava guardado. — Uma família? — Preciso de um pouco de informação antes de poder tirar minha cabeça da casa e colocá-la de novo no jogo.

Uma família ao lado pode ser bom para Oliver, especialmente se tem crianças pequenas. Posso comprar uma bicicleta, construir uma fortaleza, o que quiser. Quando mais deixava as ideias se expandem, mais quero que se cumpram.

—Não. — Responde Pêssego, mordiscando a concha da minha orelha. Sua amiga fica na minha frente, sua roupa já longe e as mãos em minhas calças.

—Uma mulher louca. Vive sozinha e toma conta de sua propriedade. A vizinha perfeita.

Afasto-me alheio aos beicinhos e me movo ao outro lado da sala. Minha calça está desabotoada e as mulheres seguem com ansiedade, esperando recuperar minha atenção. Quando olho pela janela da casa ao lado, as luzes estão acessas no interior, mas é a varanda de trás que capta minha atenção. Há uma silhueta na sombra.

Depois de poucas risadas, as duas param junto a mim, envolvendo seus corpos nus e compartilhando beijos. São línguas e mão explorando, e tanto quanto quero dar toda minha atenção, não posso evitar a curiosidade que me puxa enquanto espero uma visão da minha potencial vizinha. Será um ultimato se ela não parecer normal. Preciso do meu filho a salvo de loucas... especialmente no campo.

Estou pronto para me dar por vencido, minha curiosidade dominada pelos gemidos sensuais fazendo eco ao meu redor. Fiz as damas esperarem demais e quero compensá-las.

Começo a me afastar da janela, mas paro no meio quando capturo uma rajada de fios loiros ao redor de uma pequena figura. Inclino-me de lado para ver melhor justo quando o encanto loiro que

quase esqueci levantou de uma cadeira do pátio com um livro na mão, usando uma legging muito justa e um suéter enorme.

Filha da puta. Quais as probabilidades?

Um sorriso se forma em meus lábios, fazendo crescer a ereção.

—Se quiser uma visita durante o horário normal, posso arranjá-la. — Oferece Pêssego irritada.

Apenas a escuto, me concentrando em Cassandra. Não posso me mudar até o verão, mas quando terminar, tomarei meu tempo com ela, chamando sua atenção lentamente. Tenho que jogar de maneira inteligente, não só porque seremos vizinhos, se não também porque faz muito tempo desde que meu pênis reagiu tão intensamente a uma mulher.

—Eu te trouxe aqui para foder, e não vender uma casa, mas se gostou ... — Pêssego deixa as palavras no ar.

Cassandra desaparece dentro da casa. Meu interesse está capturado e aproveito a ideia de um novo jogo.

—Então... você gosta? Está pronto para ver o que minha amiga pode fazer por você?

—É perfeita. — Um sorriso curva meus lábios quando viro, aproveitando a vista das mulheres nuas que já estão estiradas sobre uma manta no chão. — Vamos começar.

E isto é só o começo...

